



Universidade de Brasília/IL/LET
Licenciatura em Língua e Literatura Japonesa
Trabalho de Conclusão de Curso

**O PAPEL DE UM CURSO DE LICENCIATURA EM LÍNGUA E
LITERATURA JAPONESA NUMA INSTITUIÇÃO PÚBLICA DE
ENSINO – ESTUDO DE CASO**

LETÍCIA HARUMI MATSUNAGA RAMOS

Brasília - DF

2018

LETÍCIA HARUMI MATSUNAGA RAMOS

**O PAPEL DE UM CURSO DE LICENCIATURA EM LÍNGUA E
LITERATURA JAPONESA NUMA INSTITUIÇÃO PÚBLICA DE ENSINO
– ESTUDO DE CASO**

Monografia escrita por Letícia Harumi Matsunaga Ramos
como um dos requisitos de conclusão de curso de
Licenciatura em Língua e Literatura Japonesa da
Universidade de Brasília.

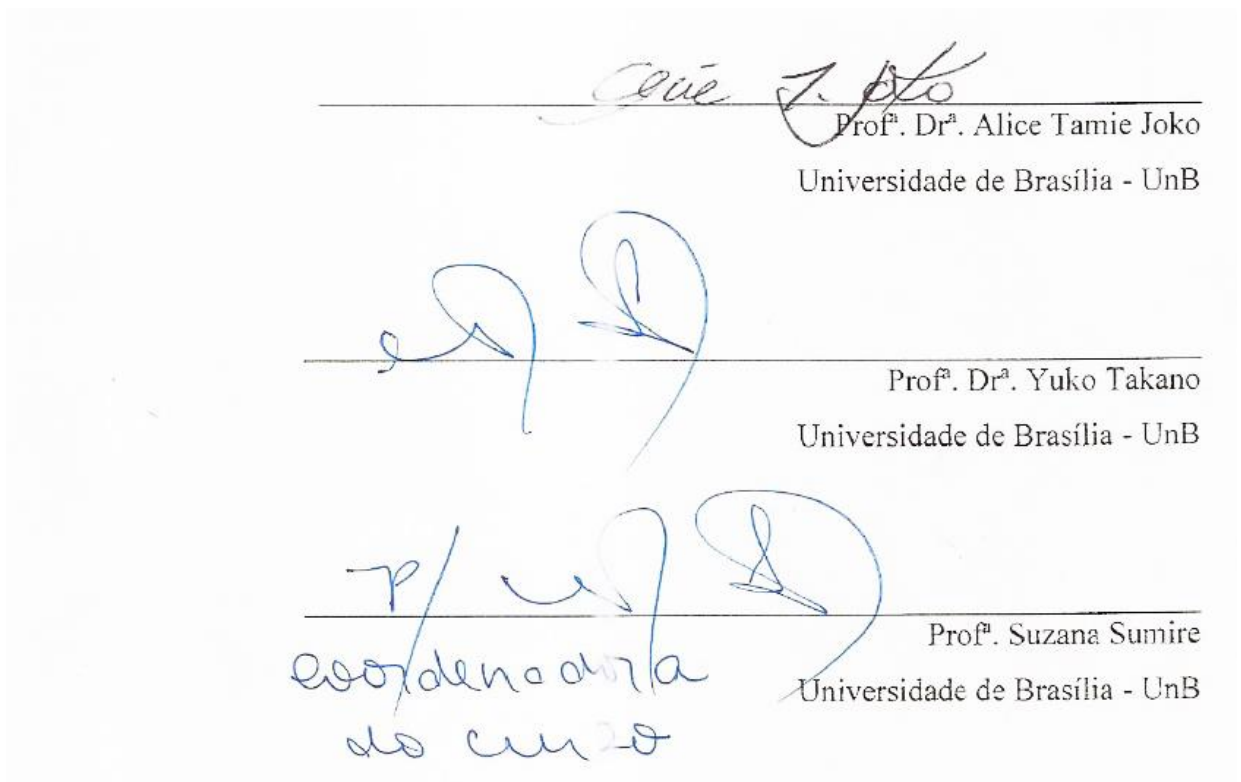
Orientadora: professora Alice Tamie Joko.

Brasília
2018

LETÍCIA HARUMI MATSUNAGA RAMOS

**O PAPEL DE UM CURSO DE LICENCIATURA EM LÍNGUA E
LITERATURA JAPONESA NUMA INSTITUIÇÃO PÚBLICA DE ENSINO
– ESTUDO DE CASO**

COMISSÃO EXAMINADORA



Aprovada em 23 de Novembro de 2018.

Brasília
2018

**“If we spoke a different language, we would perceive
a somewhat different world.”**

“Se falássemos uma língua diferente, perceberíamos
um mundo de alguma forma diferente.”

(Ludwig Wittgenstein)

Dedicatória

Este trabalho foi realizado com a ajuda e orientação de algumas pessoas. Dentre elas estão todos os professores e professoras que me acompanharam ao longo de minha jornada na faculdade, direcionando-me para adquirir mais conhecimento a ponto de eu conseguir uma bolsa de estudos para o Japão, podendo vivenciar experiências únicas e analisar de perto muitas questões sociais que desconhecia na cultura nipônica e me inspirando para a elaboração desta monografia. Em especial dedico à minha orientadora, professora Alice Tamie Joko, pela paciência, disposição e dedicação; por ser um trabalho sobre parte do trabalho de sua vida, sem ela muitas histórias não teriam acontecido.

RESUMO

O estudo teve como objetivo registrar a trajetória de um curso de formação de professores de língua japonesa numa instituição de ensino superior e de analisar o impacto social por ele causado. Para tanto, foi escolhido o curso de Licenciatura em Língua e Literatura Japonesa da Universidade de Brasília, UnB, como estudo de caso. As fontes primárias foram depoimentos orais e documentos inscritos. Foram abordadas informações históricas do ensino da língua japonesa no Brasil e em Brasília, como uma forma de situar e compreender o contexto atual no que diz respeito ao uso da língua e ao seu ensino aos estudantes e professores de japonês da UnB. Justifica-se a escolha do tema o fato da necessidade de um documento de simples acesso que unifica a formação do curso numa instituição pública de ensino superior e parte do levantamento acadêmico publicado dos professores de japonês da UnB, abordando sobre aspectos culturais e históricos presentes no curso de Licenciatura da Língua Japonesa, o que pode ajudar a compreender um pouco mais sobre a influência que o curso pode trazer na sociedade. O resultado mostrou que ao longo dos anos a interação do curso possibilitou além do ensino do idioma japonês em diversos níveis de proficiência em Brasília, a importância da cultura no aprendizado, com aulas voltadas para a literatura e sociedade japonesa, com a exigência de professores qualificados que abordem diversos assuntos para a expansão do conhecimento dos alunos, auxiliando a promoção de diversos eventos relacionados com o Japão, ampliando a consciência da riqueza cultural japonesa para a Capital.

Palavras-chave: Licenciatura em Língua e Literatura Japonesa, Ensino de língua japonesa no Brasil, Letras Japonês na Universidade de Brasília.

ABSTRACT

The purpose of this study was to recover the history of a Japanese language teacher training course in a higher education institution and to analyze the social impact it caused. In order to do so, the undergraduate course in Japanese Language and Literature of the University of Brasilia, UnB, was chosen as a case study. Primary sources were oral testimonials and written documents. Historical information on the teaching of the Japanese language in Brazil and in Brasilia was used as a way to situate and understand the current context regarding the use of the language and its teaching to Japanese students and teachers of UnB. The choice of topic is justified by the need for a simple access document that unifies the course formation in a public institution of higher education and part of the published academic survey of Japanese teachers of UnB, talking about cultural and historical aspects present in the Japanese Language Baccalaureate course, which can help to understand a little more about the influence that the course can bring on society. The result showed that over the years the interaction of the course made possible not only the teaching of the Japanese language in different levels of proficiency in Brasilia, but also the importance of culture in learning, with classes focused on Japanese literature and society, with the requirement of qualified teachers which relate to various issues for the expansion of student knowledge, aiding the promotion of various events related to Japan, increasing the awareness of Japanese culture wealth to the Capital.

Keywords: Bachelor in Japanese Language and Literature, Teaching Japanese Language in Brazil, Japanese Degree in the University of Brasilia.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	1
1.1	CONTEXTUALIZAÇÃO	1
1.2	JUSTIFICATIVA	2
1.3	OBJETIVOS.....	2
1.3.1	Objetivo Geral	2
1.3.2	Objetivos Específicos	2
1.4	PROBLEMA E PERGUNTA DE PESQUISA	3
1.5	METODOLOGIA	3
1.6	ORGANIZAÇÃO DA MONOGRAFIA	5
2	ORIGEM DO ENSINO DA LÍNGUA JAPONESA NO BRASIL	6
2.1	ENSINO DA LÍNGUA E CULTURA JAPONESA NO BRASIL: A IMPORTAÇÃO DOS IMIGRANTES	7
2.1.1	Atividades acadêmicas: dificuldades do aprendizado no Brasil	9
3	A INSTITUIÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA	11
3.1	FUNDAÇÃO DA ÁREA DE JAPONÊS NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA.....	13
3.1.1	A Criação da Habilitação Letras – Japonês.....	14
3.2	CONTRIBUIÇÃO DO ENSINO DE LÍNGUAS JAPONÊS DA UNB	17
3.3	CONTRIBUIÇÃO CIENTÍFICA DA ÁREA DE LÍNGUAS JAPONÊS-UNB	18
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
4.1	LIMITAÇÃO DA PESQUISA.....	35
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	36
	APENDICE.....	38

1 INTRODUÇÃO

1.1 Contextualização

O processo de aprofundamento internacional da integração econômica, social, cultural e política entre as diversas sociedades e nações existentes por todo o mundo, tem sido primordial para o avanço dos países. Com o advento da globalização a expansão das línguas e seus estudos se tornaram essenciais. Na décadas de 1970 e 1980, a economia japonesa começou um período de expansão com indústrias de alta tecnologia, resultando a demanda interna elevada por produtos de alta tecnologia e por padrões mais altos de qualidade de vida no Japão. Como resultado, o interesse pelo aprendizado do idioma também aumentou no Brasil, pois o país crescente estava sendo visado como o novo polo econômico e de emprego para todos, não apenas seus nativos ou descendentes.

Esta pesquisa tem o objetivo de resgatar e registrar elementos históricos presentes em documentos, artigos, trabalhos monográficos e depoimentos relacionados à criação do curso de Licenciatura em Língua e Literatura Japonesa - Letras Japonês da Universidade Brasília, e, através disso, busca despertar o interesse dos alunos, professores e demais interessados sobre o assunto.

Entendemos ser importante disseminar essa informação uma vez que, como participante do curso, percebemos que muitos alunos apresentam a falta de conhecimento sobre a construção do curso com todas as dificuldades e bases estruturais para a concretização de um curso de qualidade, podendo gerar algumas dificuldades ao se formarem para poderem desenvolver ou aprimorar suas aulas, cursos de idioma em japonês, ou até mesmo se envolver e se sentirem parte da docência da língua japonesa, e poderia haver uma possível relação entre o desempenho acadêmico e o posicionamento cultural com os indivíduos se sentindo parte do projeto histórico do ensino.

Observando outros cursos de idiomas tais como inglês, francês e o espanhol, os professores parecem ter orgulho dos ícones culturais da língua estudada e tendem a transmitir esta paixão para os alunos através das mais variadas formas. Como resultado disso, sentimos que alunos manifestam maior interesse pela cultura da língua alvo quando se sentem parte inclusa do grupo, e conseqüentemente, maior motivação, bem como demonstram desempenho mais satisfatório em comparação com aqueles que não se interessam pela cultura alheia, que no caso seria a que envolve o corpo de alunos e professores formadores do curso.

Tendo a falta de literatura com o conteúdo acadêmico sobre o assunto em vista, essas constatações durante a minha trajetória como aluna do curso de Letras-Japonês, este trabalho

busca, de forma subsidiária, despertar o interesse dos professores de língua japonesa para a importância de se falar sobre a cultura histórica e comunidade em sala de aula, incluindo não só aspectos japoneses, mas também os brasileiros que constroem e mantêm o ensino com sua cultura no Brasil. Esta pesquisa trata de elementos culturais e históricos presentes em documentos, artigos e trabalhos monográficos relacionados à criação do curso de Letras Japonês.

1.2 Justificativa

Do exposto, entendemos que um levantamento acadêmico que visa identificar a função de um curso de formação de professores numa instituição pública de ensino superior e apontar sugestões sobre aspectos culturais e históricos presentes no curso de Licenciatura da Língua Japonesa poderiam ajudar a entender sobre a influência que o curso pode trazer na sociedade. Constatada a sua importância, o resultado poderá refletir no desempenho dos alunos que poderão se sentir mais motivados em fazer parte do curso. Entendemos, ainda, que muitas outras contribuições podem ser oferecidas a partir deste levantamento de dados para qualquer aluno ou professor de língua japonesa, bem como demais interessados que por ventura deseje conhecer ou elaborar trabalhos relacionados sobre a cultura do idioma na capital.

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivo Geral

Elaborar um documento a partir do levantamento de dados históricos sobre a forma como o desenvolvimento do ensino da literatura, cultura e língua oral e escrita japonesa ocorreu na Universidade de Brasília (UnB) e expor algumas contribuições do curso para a academia, tanto na área de Ensino como de Pesquisa.

1.3.2 Objetivos Específicos

- a) Analisar dados de pesquisas envolvidas na área educacional e social voltadas à relação entre Japão e Brasil.
- b) Fazer o levantamento de dados sobre o desenvolvimento do ensino de japonês no Brasil.

1.4 Problema e Pergunta de Pesquisa

Propomos a pergunta deste trabalho monográfico, para nortear interpretação dos elementos históricos, como se segue:

- Qual impacto que o curso trouxe para a cidade, para os seus alunos, professores e para a comunidade em geral em Brasília?

1.5 Metodologia

Para alcance dos objetivos estabelecidos e apresentados nos objetivos do presente estudo, optou-se por dois tipos de referenciais teóricos metodológicos: da história oral temática (MEIHY, 1996, 2011), e na pesquisa documental (CELLARD, 2008), que serve como complemento e extensão para pesquisa biográfica.

Segundo Cellard (2008), a pesquisa documental torna-se sinônimo de pesquisa arquivística e aborda questões relacionadas ao papel e uso de documentos, registros públicos, privados. Em outro sentido, pesquisas documentais produzem artefatos e cultura material através do levantamento de dados por meio de pesquisas previamente realizadas da área, podendo ser desde artigos a vídeos relevantes. O uso de documentos em pesquisa deve ser apreciado e valorizado. A riqueza de informações que deles podemos extrair e resgatar justifica o seu uso em várias áreas das Ciências Humanas e Sociais porque possibilita ampliar o entendimento de objetos cuja compreensão necessita de contextualização histórica e sociocultural. Por exemplo, na reconstrução de uma história vivida.

[...] O documento escrito constitui uma fonte extremamente preciosa para todo pesquisador nas ciências sociais. Ele é, evidentemente, insubstituível em qualquer reconstituição referente a um passado relativamente distante, pois não é raro que ele represente a quase totalidade dos vestígios da atividade humana em determinadas épocas. Além disso, muito freqüentemente, ele permanece como o único testemunho de atividades particulares ocorridas num passado recente (CELLARD, 2008, p. 295).

Outra justificativa para o uso de documentos em pesquisa é que ele permite acrescentar a dimensão do tempo à compreensão do social. A análise documental favorece a observação do processo de maturação ou de evolução de indivíduos, grupos, conceitos, conhecimentos, comportamentos, mentalidades, práticas, entre outros (CELLARD, 2008).

Meihy (1996, p.10) considera a história oral como uma “percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado”. Em sua concepção, a história oral “garante sentido social a vida de depoentes e leitores que passam a entender a sequência histórica e a sentirem-se parte do contexto em que vivem”. Os gêneros em história oral, de acordo com Meihy (2011) são: história oral de vida, temática, testemunhal e tradição oral.

Para a coleta das informações neste trabalho, utilizou-se levantamento documental apoiado por dados empíricos coletados por meio de depoimentos de pessoa-chave com o foco na história oral de vida. Como fontes primárias, utilizaram-se os documentos oficiais da Universidade, arquivos da biblioteca do Departamento de Letras, artigos escritos por professores do curso de Letras Japonês publicados em revistas e livros. Como fontes secundárias, foram utilizadas as bibliografias que tratam da História da UnB e da História da Língua Japonesa no Brasil. As informações dos documentos foram complementadas com depoimentos orais de uma pessoa-chave, que teve participação direta no processo de criação e consolidação do Curso de Letras - Japonês: Alice Tamie Joko, uma professora graduada em bacharelado de Letras – Japonês e Letras –Português, bem como em respectivas licenciaturas, responsável pela elaboração do projeto desde o princípio, atualmente fazendo parte da quadro de docente efetivo da Universidade. Os depoimentos orais foram coletados e transcritos pela autora no mês de setembro de 2018. Para reconstruir a trajetória institucional do Curso de Letras Japonês, mediante a análise dos conteúdos, buscou-se associar os depoimentos com os documentos escritos.

Justifica-se tal método com bases no que estabelecem Sá-Silva; Almeida e Guindani.

Não se pode pensar em interpretar um texto, sem ter previamente uma boa identidade da pessoa que se expressa, de seus interesses e dos motivos que a levaram a escrever. Uma questão é fundamental: “esse indivíduo fala em nome próprio, ou em nome de um grupo social?”. Cellard (2008) acreditar ser “bem difícil compreender os interesses (confessos, ou não!) de um texto, quando se ignora tudo sobre aquele ou aqueles que se manifestam, suas razões e as daqueles a quem eles se dirigem” (p. 300).

Elucidar a identidade do autor possibilita, portanto, avaliar melhor a credibilidade do texto, a interpretação que é dada de alguns fatos, a tomada de posição que transparece de uma descrição, as deformações que puderam sobrevir na reconstituição de um acontecimento. (SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe Guindani. 2009, p.9)

A metodologia de desenvolvimento deste trabalho é dividida em quatro etapas:

- Etapa 1: análise da literatura focando nas seguintes áreas: história da UnB, educação e sociedade japonesa, ensino japonês no Brasil, língua oral e escrita japonesa.
- Etapa 2: levantamento de artigos, pesquisas de fontes de estudo e noticiários focados na sociedade japonesa presente no Brasil e na formação das escolas de ensino de língua japonesa.
- Etapa 3: estruturar para conhecimento dos leitores sobre o percurso do desenvolvimento do ensino de línguas na Universidade de Brasília.
- Etapa 4: avaliação não necessariamente conclusiva do levantamento dos dados obtidos através da coleta sua coleta.

1.6 Organização da Monografia

O documento está dividido em quatro capítulos. No primeiro capítulo apresenta-se o projeto, expondo uma breve contextualização e a problemática vislumbrada, assim como os objetivos gerais e específicos.

No segundo capítulo é realizado o desenvolvimento do assunto, com tomadas de conceitos para embasar o assunto de cada tópico em questão, promovendo um maior detalhamento do processo, trazendo relatos sobre fatos históricos da construção do ensino do idioma japonês implantado no Brasil. O terceiro capítulo apresenta os relatos escritos direcionados à construção da Universidade de Brasília e do Curso de Letras Japonês da Universidade.

Por fim, o quarto capítulo contém as considerações finais e logo após estão presentes a bibliografia, o apêndice que detalha os dados utilizados nas tabelas apresentadas no capítulo anterior e os anexos, que são o Projeto completo do Curso de Licenciatura em Letras Japonês da UnB.

2 ORIGEM DO ENSINO DA LÍNGUA JAPONESA NO BRASIL

Antes de relatar o desenvolvimento do ensino do idioma japonês no Brasil, focando em nosso estudo de caso, a Universidade de Brasília, apresentaremos fatos históricos para facilitar a compreensão e contextualizar o assunto aos leitores.

No ano de 1888 houve a abolição da escravidão no Brasil, época em que a maior renda do país estava concentrada na produção do café em São Paulo. Com o decreto da lei Aurea, os donos de fazenda foram forçados a adotar outra alternativa para continuar com sua produção, surgindo a necessidade de trazer mão de obra imigrante para trabalhar nessas fazendas. Enquanto isso no Japão, o país havia ficado isolado do mundo por mais de 200 anos durante a dinastia Edo, período em que o país fora governado por senhores feudais (*shogun*, 将軍) da família Tokugawa, e ao abrir seu comércio para o mercado exterior, muitos agricultores japoneses entraram em falência. Alguns sofreram com desemprego devido a mecanização da agricultura, outros tiveram suas terras confiscadas e ficaram extremamente endividados com o início da Era Meiji, onde os impostos passaram a ser cobrados em dinheiro, não mais com parte de suas produções. Os recém desempregados migravam para os grandes centros urbanos, gerando saturação, moradores de rua e a necessidade da emigração.

A vinda de imigrantes japoneses para o Brasil foi motivada por interesses dos dois países: o Brasil necessitava de mão-de-obra para trabalhar nas fazendas de café, principalmente em São Paulo e no norte do Paraná, e o Japão precisava aliviar a tensão social no país, causada por seu alto índice demográfico. Para conseguir isso, o governo japonês adotou uma política de emigração desde o princípio de sua modernização, iniciada na era Meiji (1868). Apesar de não serem favoráveis à imigração, em 1906, os governos do Japão e do Estado de São Paulo levaram adiante esse processo. (ALESP, 2008)

Posteriormente, no Brasil, a imigração era restrita a cidadãos europeus, pois existia a ideia de “branquear” a população. Apenas em 1890, o presidente Deodoro da Fonseca assinou um decreto que permitia a imigração de pessoas da África e da Ásia, mas apenas com permissão do congresso. Em 1892 foi aprovada a lei número 97 que permitia sem restrições a entrada de japoneses e chineses no Brasil (LIMA, 2018), dando início para o preparo oficial do primeiro navio de imigrantes japoneses ao Brasil.

Em 1907, o governo brasileiro publica a Lei da Imigração e Colonização, permitindo que cada Estado definisse a forma mais conveniente de receber e instalar os imigrantes. Em novembro daquele mesmo ano, Ryu Mizuno fecha acordo com o secretário da Agricultura de São Paulo, Carlos Arruda Botelho, para a introdução de 3 mil imigrantes japoneses, num período de três anos. Nessa época, o governador era Jorge Tibiriçá. Assim, no dia 28 de abril de 1908, o navio Kasato Maru deixa o Japão com os primeiros imigrantes, rumo ao Brasil. (ALESP, 2008)

A primeira impressão dos brasileiros com os japoneses, apesar do preconceito, foi surpreendente. A expectativa seria da recepção de pessoas sujas e miseráveis por serem de classe social baixa no Japão, porém mesmo provenientes dessas condições financeiras, esses japoneses mantinham os costumes de se manterem limpos, organizados e educados. Muitos trouxeram consigo livros, tinta e papel; algo que na época era considerado luxo para um trabalhador braçal.

Por volta da década de 1920, após cumprir contratos e alcançar uma condição econômica estável, os japoneses começaram a criar seus núcleos, posteriormente denominados colônias, constituídas por proprietários de pequenas terras e arrendatários. Nessas concentrações foram estabelecidas escolas comunitárias criadas pelos próprios moradores japoneses. Podemos dizer que o ensino de língua japonesa teve início junto ao contexto da imigração (DOI, 2006).

Nas colônias havia poucas pessoas qualificadas para desempenhar o papel de professor em suas escolas, para tal selecionavam quem tivesse o maior nível de escolaridade ou cultura entre os colonos, alguns tinham cursado até o colegial no Japão ou eram melhores alunos do ginásio. Segundo o autor Handa em sua obra *O Imigrante Japonês* (1987), o professor de língua japonesa era sempre “o intelectual que não consegue puxar enxada”. O ensino era informal e com materiais improvisados para educação. Vale ressaltar que o salário recebido pelo professor era baixo e, portanto, atraía poucas pessoas (HANDA, 1987). Havia caso em que o professor lecionava em um período do dia e no outro trabalhava na lavoura. “Muitas vezes, o trabalho era voluntário, o que resultou na cultura de remunerar mal os professores de japonês, cujo trabalho muitas vezes foi relegado ao sacerdócio” (JOKO, 2007).

2.1 ENSINO DA LÍNGUA E CULTURA JAPONESA NO BRASIL: A IMPORTAÇÃO DOS IMIGRANTES

Nas escolas comunitárias das colônias japonesas, o idioma era ensinado com a perspectiva da língua materna, a principal para comunicação, já que a maioria dos imigrantes pretendia retornar ao Japão. Entretanto, não era apenas a língua que era lecionada, pois havia a necessidade de suprir a carência do sistema educacional brasileiro que raramente havia escolas instaladas nas regiões em que os imigrantes se encontravam. As escolas rurais brasileiras também possuíam outro fator que as limitava, por atender em classes multisseriadas, ou seja, que equivaliam aos primeiros três anos do primário, de modo que quem quisesse avançar com os estudos deveria se deslocar para as zonas urbanas. Isso fez com que os descendentes optassem pela escola comunitária, pela oferta de livros didáticos importados, não necessariamente qualificados, por ter maior extensão de estudos com duração de seis anos. Outros fatores peculiares era que nessas aulas os educadores seguiam um protocolo nipônico com rituais de cerimônia de início de aula, formaturas ao som do hino nacional japonês, tinha a reverência à imagem e declaração dos éditos imperiais sobre educação, além de possuírem educação moral, cívica e de matemática ministradas todas em japonês (SHIBATA, 1997).

Na história da imigração, o primeiro registro sobre a escola de língua japonesa chamada Taishô Shogakkou (Escola Primária Taishô) aparece em 1915. Sendo a imigração uma política do governo japonês, em 1935 são enviados professores para o Brasil. Até então, o ensino na comunidade era praticado pelos próprios colonos, alguns com experiência de ensino, mas a maioria não possuía a formação de professor necessária. (JOKO, 2007, p.29)

Em 1938, houve a restrição do ensino de japonês, tendo o governo brasileiro alegado que essa educação visava a formação de “súditos do imperador”, que possuindo a língua materna como a japonesa afastava os colonos da política integracionista (JOKO, 2007). Nos anos de 1941 a 1945, a língua japonesa passou a ser banida do cotidiano dos imigrantes e seus descendentes, por conta da tomada de posição brasileira ao lado dos Aliados na Segunda Guerra Mundial, tornando os japoneses inimigos da nação. Com isso, o ensino de japonês estava vetado para menores de 14 anos, medidas punitivas foram abordadas para alguns professores e líderes comunitários com prisões, incineraram livros, confiscaram bens, jornais e revistas em japonês deixaram de circular.

Após a Segunda Guerra Mundial, já no final da década de 1940, a lei que proibia o ensino de línguas estrangeiras como língua materna tornou-se menos rígida. Nessa época, ocorre também mudança no pensamento dos imigrantes que antes pensavam em regressar ao Japão, após juntar riqueza. Os imigrantes começam a pensar em se fixar no Brasil, permanentemente. (JOKO, 2007, p.29)

A língua japonesa passa a ser ensinada na perspectiva de língua de herança, um novo meio de preservação da identidade étnica, não sendo mais uma forma dos filhos poderem ser inseridos no ensino formal do Japão ao regressarem; uma vez que os descendentes passaram a dar continuidade aos estudos da escola brasileira, indo para níveis cada vez mais avançados, favorecendo o desenvolvimento do bilinguismo entre os descendentes nikkei. O foco do ensino passa a ser a educação moral e cívica que contribuía para evitar a “assimilação e aculturação” por completo ao meio brasileiro (JOKO, 2007), gerando cidadãos nipo-brasileiros até hoje reconhecidos.

2.1.1 Atividades acadêmicas: dificuldades do aprendizado no Brasil

Questões sobre o ensino de língua japonesa no Brasil têm sido objeto de debate formal desde a década de 1950 em seminários, em editoriais de jornais japoneses editados no país, porém foi a partir de 1980 que assuntos relativos à metodologia passam a ser destaque. A partir de 1993, como aponta dados gráficos na tabela retirada do Projeto de Licenciatura de Letras-Japonês da UnB, oriunda do Japan Foundation, houve um grande crescimento de interessados no estudo da língua japonesa, incluindo descendentes e não-descendentes, com a maioria sem conhecimento do idioma.

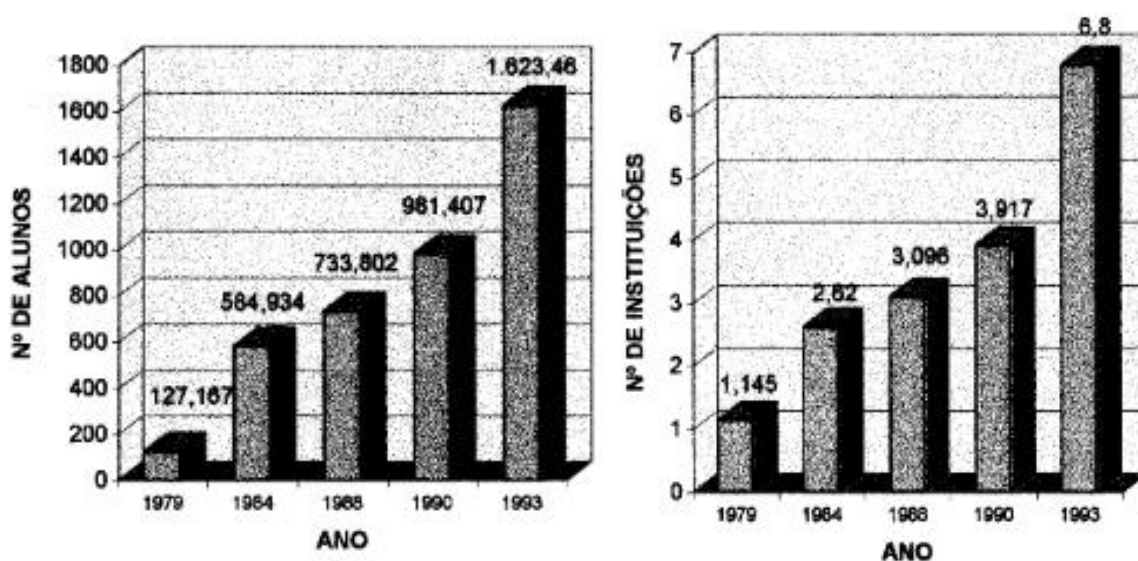


Figura 1 Gráfico com o número de alunos e de instituições envolvidos com a aprendizagem/ensino da língua japonesa

(Fonte: “Survey Report on Japanese-Language Education Abroad – 1993”, The Japan Foundation, Tóquio, 1995)

As novas mudanças do perfil do aluno trouxeram novas reflexões e alteração no cenário de ensino-aprendizagem de japonês do Brasil, eliminando a fronteira étnica para o estudo da língua e da cultura, até então considerada prerrogativa exclusiva dos descendentes. Entretanto com a demanda, houve necessidades que atualmente ainda são discutidas para melhorias.

Desde a formação do ensino da língua japonesa no Brasil há algumas dificuldades com o aprendizado. Entre elas, o problema de obter informações atualizadas e manter contato mais direto com o Japão. De acordo com o levantamento realizado pelo Centro de Estudos Japoneses de São Paulo da Fundação Japão, mencionado pela Joko (2007), há outros fatores que dificultam o ensino como: o material didático de custo alto, a falta do mesmo no idioma do discente, a não adequação para diferentes faixas etária, a falta de materiais complementares de áudio e vídeo, a ausência de informação para a abordagem desses materiais. Também há casos com problemas na infraestrutura dos locais das aulas, a falta de proficiência do professor, não haver metodologia ou adequação para aulas que produzam efeitos positivos, causando estudantes pouco motivados e assim a queda na demanda.

A queda na demanda do ensino de japonês como meio de preservação da identidade étnica é apontada nos dias de hoje como resultante do avanço das gerações dos *nikkei* e do consequente casamento interétnico crescente que causa o afastamento dos descendentes de imigrantes japoneses da sua cultura de origem. Entretanto, as estatísticas demonstraram que o número de alunos das escolas de comunidade, as chamadas escolas japonesas (*Nihon gakkou*), após apresentar uma queda drástica na década de 1980, hoje mantém-se estável. (JOKO, 2007, p.27)

3 A INSTITUIÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

A história da criação da Universidade de Brasília abordada neste trabalho monográfico foi retirada do site oficial da faculdade, onde há a descrição do assunto. Uma introdução breve para compreendermos como foi desenvolvida a universidade do estudo de caso.

De acordo com o relato, Brasília tinha apenas dois anos quando inaugurou sua universidade federal. A Universidade de Brasília, UnB, tornou-se aberta ao público em 21 de abril de 1962, com o objetivo de reinventar a educação superior, entrelaçar as diversas formas de saber e formar profissionais engajados na transformação do país. A construção do campus foi composta por três destaques que possuem seus nomes homenageados em alguns dos monumentos da faculdade atualmente. O antropólogo Darcy Ribeiro definiu as bases da instituição, o educador Anísio Teixeira planejou o modelo pedagógico e o arquiteto Oscar Niemeyer desenvolveu o projeto dos prédios.

As regras, a estrutura e concepção da Universidade foram definidas pelo Plano Orientador datada de 1962, sendo a primeira publicação da Editora, disponível para acesso ao público como arquivo de PDF em seu site oficial. Apesar do projeto original de Brasília já prever o espaço para a UnB, algumas autoridades da época não queriam que estudantes interferissem na vida política da cidade e, por isso, houve contratemplos em sua construção por estar muito próxima aos ministérios. Somente, em 15 de dezembro de 1961, o então presidente da República João Goulart sancionou a Lei 3.998, que autorizou a criação da universidade.

A inauguração da UnB foi realizada com poucos prédios finalizados, tendo grande parte ainda como canteiro de obras. O Auditório Dois Candangos, onde ocorreu a cerimônia de inauguração, foi finalizado 20 minutos antes do evento, marcado para as 10h. O nome do espaço homenageia os pedreiros Expedito Xavier Gomes e Gedelmar Marques, que morreram soterrados em um acidente durante as obras.

Por ano, o Decanto de Gestão de Pessoas, DGP, da Universidade faz um levantamento dos dados estatísticos e gera um anuário público que reporta diversas informações do desenvolvimento da instituição, desde a parte orçamentária à divulgação em números da produção intelectual realizada por alunos e professores ativos da UnB. Nele é possível comparar a taxa de crescimento

da população universitária ao longo dos anos, demonstrando a importância e destaque que a Universidade tem adquirido.

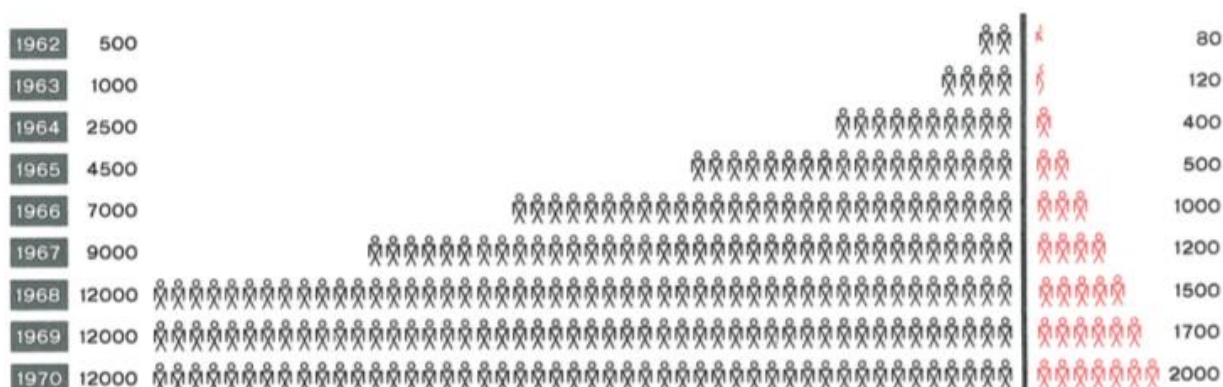


Figura 2 Lotação progressiva de aluno e docentes da Universidade de Brasília, anos de 1962 a 1970

(Fonte: Plano Orientador da Universidade de Brasília, 1962, p. 38)

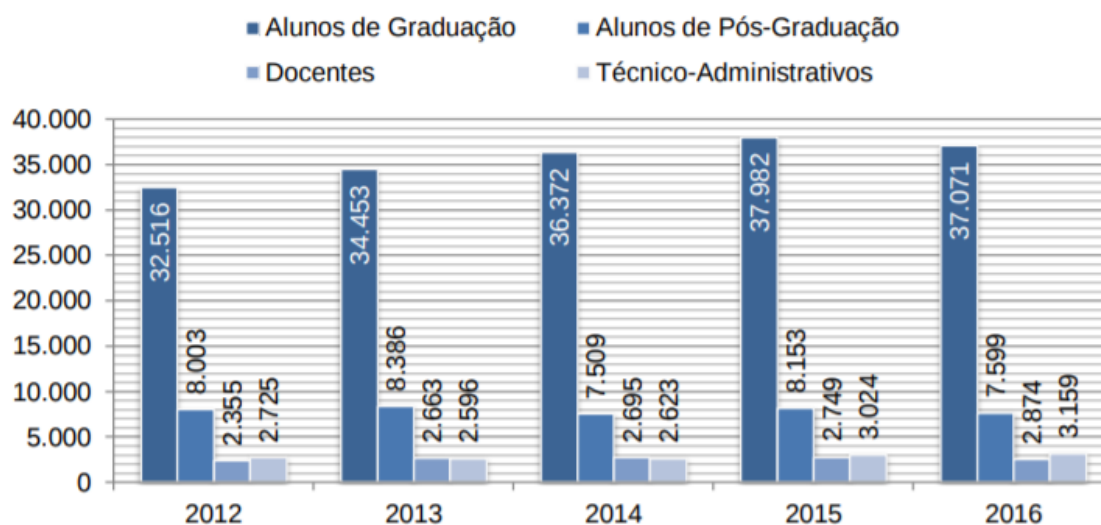


Figura 3 Evolução da população universitária da UnB por categoria, anos de 2012 a 2016

(Fonte: Anuário Estatístico da UnB 2017 – Período de 2012 a 2016, 2017, p. 33)

No âmbito das escolas públicas, a UnB faz parte pioneira de instituição de ensino superior no país a abrir curso de graduação em japonês, em 1997. Outros cursos de graduação criados em todo o Brasil: Universidade de São Paulo (1964), Universidade Federal do Rio de Janeiro (1979), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1986), Universidade Estadual Paulista (1992), Universidade Estadual do Rio de Janeiro (2003) e Universidade Federal do Paraná (2009).

A média dos alunos que estudam japonês sem ascendência nipônica tem crescido em todo país, encaminhando para uma maior diversidade cultural, quebrando a crença e os paradigmas oriundos da imigração de que o idioma deveria ter seu foco para os descendentes de japoneses. Atualmente há mais de 3,65 milhões de pessoas no mundo que estudam a língua japonesa fora do Japão. E no Brasil, o número de estudantes aumentou em relação ao número da pesquisa anterior, totalizando 22.993 estudantes. Esse número corresponde ao 13º lugar mundial em número de estudantes (Fundação Japão, 2015). De acordo com a professora Joko, em relação a produção acadêmica, ainda não há um banco de dados sobre as dissertações e teses que possibilite uma visão geral, porém pode-se classificar os estudos japoneses realizados no Brasil em três grandes grupos: “o estudo sobre o Japão”, “estudo sobre a comunidade nipo-brasileira” e “relações bilaterais Brasil-Japão”.

3.1 FUNDAÇÃO DA ÁREA DE JAPONÊS NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

O princípio de abertura do curso de Língua Japonesa na UnB foi como atividade de extensão. Assim, em 1981, foi ofertada à comunidade interna e externa da UnB o primeiro curso de língua japonesa na modalidade extensão, inicialmente com vinte vagas. O foco da sua concepção era inicialmente de suprir a demanda de ensino, considerada a língua cujo número de pessoas que a estudavam o maior em crescimento mundial, com bases estatísticas entre 1979 a 1993. O Brasil, apesar de constar na lista em nono lugar quanto ao número de alunos, não estava presente na lista dos vinte maiores em quantidade de instituições de ensino formal do idioma.

De acordo com a base de dados realizados para a conclusão do Projeto de Licenciatura de Japonês (1997), a tendência era de um número crescente de estudantes, porém o Brasil era o único país cujo o gráfico da demanda estava diminuindo. Diante de tal situação, constatou-se a falta de profissionais, gerando a não implementação do ensino japonês e aumentando a defasagem de alunos por não poderem avançar mais em seus conhecimentos. A solução, ampliar o curso de extensão da UnB para um curso de graduação. Dessa forma, gerou-se a formação de docentes para o ensino fundamental e médio em língua e literatura japonesa, visando atender a demanda da rede de ensino público e particular do Distrito Federal e Entorno, indo ao encontro da solução de dificuldades amplamente constatadas, sobretudo na formação do especialista em língua japonesa; visa também formar, em nível universitário profissionais qualificados para estudos e pesquisas relacionadas a área.

3.1.1 A Criação da Habilitação Letras – Japonês

Como já fora descrito, tendo base nas publicações e descrições orais feitas pela professora Alice Tamie Joko, o início do curso teve suas origens como um curso de extensão. O processo começou em três de março de 1979, com um grupo de representantes da Fundação Japão (Órgão do Governo Japonês), liderado pelo Secretário Minoru Hirano, Adido Cultural na Embaixada do Japão em Brasília, discutindo com representantes da UnB sobre a criação do Curso de Língua Japonesa na Universidade. No dia 31 do mesmo mês o professor doutor Ulf Gregor Baranow, então chefe do Departamento de Letras e Linguística, atual Instituto de Letras (LEL), e incubido pelo Reitor Amadeu Cury de estudar a viabilidade da criação do curso em nível departamental, sugerindo ao Reitor que, de início, fosse oferecido um curso de extensão da Língua Japonesa com a duração de até dois anos.

Meses depois, a ideia tomou novos rumos para uma evolução gradual do curso de Língua Japonesa. Primeiramente oferecendo a atividade em nível de extensão e posteriormente, havendo receptividade que justificasse, seriam criadas as disciplinas de Japonês na graduação de Letras como língua estrangeira moderna optativa, com vistas também ao Programa de Tradução do LEL. Com isso em mente, o professor Baranow encaminhou a sugestão no despacho ao Decano de Ensino de Graduação (DEG), e atendendo a resolução, em 18 de julho, enviou o formulário *Application for Visiting Lecturers of Japanese Language* (aplicação para visita de professores de língua japonesa) endereçado à Fundação Japão.

No dia 23 de julho de 1979, na 316ª reunião da Mesa Executiva o Reitor deliberou autorizar a realização do curso, formalizando a proposta à Fundação Japão em cinco de agosto de 1980, com um novo formulário denominado *Application for Institutional Project Support Program* (solicitação de programa institucional de apoio ao projeto). A sede da Fundação em Tóquio, por meio do seu escritório em São Paulo, solicitou ao Centro de Estudos Japoneses da Universidade de São Paulo a indicação de um professor para dar início ao curso de japonês da UnB. O professor doutor Teiichi Suzuki, então diretor do Centro, designou para o cargo a professora Alice Tamie Joko, que coordenava o curso de Laboratório de Línguas daquela instituição, aberto para alunos de todas as faculdades e departamentos da USP. Tal decisão ocorreu devido a mesma possuir grande experiência com os principiantes da língua. Devido a casos posteriores que a Fundação Japão obteve no exterior e no Brasil, um curso ministrado por um docente com formação tanto em

língua japonesa quanto na língua materna dos alunos, obtinha maior êxito do que um curso ministrado por um professor-visitante japonês que não dominasse o idioma local.

Em onze de agosto de 1981, iniciou-se o curso língua japonesa da UnB, com o apoio institucional e financeiro da Fundação Japão, através de um projeto com duração de três anos, a contar de fevereiro de 1981. A atividade de extensão teve oferta de 20 vagas, que logo foram preenchidas e expandidas para 25. Findo o primeiro ano de atividade, atendendo ao pedido formalizado pelos alunos interessados, o Colegiado do LEL, presidido pelo professor doutor Danilo Lobo, encaminhou ao DEG a proposta de abertura de disciplinas Língua Japonesa I, II, III, IV. Essa proposta foi aprovada em 26 de abril de 1983.

Na época haviam quatro turmas proveniente do curso de extensão que tiveram que ser reagrupadas por conta do início das aulas regulares, tornando-se em duas e canceladas as outras que ocorriam na parte noturna. A população externa à UnB já não tinha mais opção de estudar japonês no Plano Piloto, isso fez com que a professora Alice Tamie juntasse esforços com a Associação de Intercâmbio Cultura Brasil-Japão (AICBJ) com a proposta de criação do curso de língua japonesa para a comunidade brasiliense, resultando na fundação do Instituto Midori. Conhecido como a principal instituição de ensino de língua japonesa na capital, este funcionou por nove anos com a direção de seu idealizador, professor Michio Yamaguchi, até sua incorporação à atual Escola Modelo de Língua Japonesa de Brasília.

No segundo semestre de 1983, devido a restrição de contratação de professores imposta pelo governo federal, a UnB solicitou à Fundação Japão a prorrogação do auxílio por mais um ano, entre abril de 1984 a maio de 1985, que foi aceita. Isto possibilitou oferta de uma disciplina nos períodos do verão e nos dois semestres regulares seguintes. Os dois níveis do curso de extensão também foram mantidos em 1984 pela alta demanda que havia.

Ao fim do segundo semestre de 1984, foi realizada a cerimônia conjunta de encerramento das atividades de extensão Língua Japonesa VIII (curso iniciado em 1981) e Língua Japonesa VI (iniciado em 1982). Receberam os certificados das mãos dos representantes da Embaixada do Japão e do Decanato de Extensão, no auditório Dois Candangos, localizado na UnB, 35 alunos. Entre os que concluíram o curso, estavam Marcus Vinicius e Yuko Takano, que mais tarde tornaram-se professores da área, além de três professores da UnB que estiveram no Japão através de *Fellowship* da Fundação Japão. São eles: a artista plástica professora Stella Maris Bertinazzo (falecida) – grande divulgadora da técnica de xilogravura japonesa, o professor doutor Danilo Lobo (falecido) – pesquisador de poesia japonesa haiku, e o professor doutor Messias Costa, que publicou estudos sobre o sistema educacional japonês. (JOKO, 2008, p. 137-138)

Com o término do período acordado no ano de 1985, a Embaixada do Japão comunicou à UnB que a solicitação de uma nova prorrogação que fora encaminhada à Fundação Japão estava indeferida. Por não haver recursos financeiros, o LEL retirou as disciplinas de língua japonesa da lista de ofertas do segundo semestre. O fato provocou manifestações dos alunos que encaminharam ao reitor um abaixo-assinado com mais de quinhentos nomes reivindicando a permanência das aulas. Em janeiro de 1986, o reitor professor Cristovam Buarque, diante da exposição de motivos da chefe do LEL, professora Stella Maris B. Ricardo, aprovou a contratação temporária da professora Alice Tamie Joko na vaga de Professor Visitante. No mesmo ano, o Departamento realizou o concurso público para contratação de um professor na área de Japonês, numa das vagas concedidas excepcionalmente à UnB pelo MEC para contratação de 75 professores e assim, finalmente, as disciplinas de língua japonesa passaram a contar com um professor fixo do quadro.

Com a contratação da professora Alice, a área solicitou a continuação do auxílio à Fundação Japão e passou a dispor da colaboração do professor Marcus Vinicius Marques, que elaborou as disciplinas Política do Extremo Oriente no Instituto de Relações Internacionais (REL) e Cultura Japonesa I e II no Departamento de Línguas Estrangeiras (LET), nome dado ao departamento que substituiu o antigo LEL. Em 1992, a área de japonês conseguiu uma segunda vaga para professor do quadro e, após concurso dentre cinco candidatos aprovados, foi contratada a professora Megumi Kuyama, o que possibilitou a criação das disciplinas Língua Japonesa IV e V. Com a concessão de um novo auxílio de 1994 a 1997 da Fundação Japão, foi contratado o provisoriamente o professor Ronan Alves Pereira que também havia sido aprovado no concurso posterior.

A boa receptividade dos cursos e as atividades da área de japonês chamaram a atenção do professor doutor João Cláudio Todorov, reitor da UnB de 1993 a 1997, que perguntou à professora Alice sobre o andamento do curso. A resposta foi de que as possibilidades de expansão da área com as disciplinas optativas já atingiram o seu limite máximo. A única saída para seu crescimento seria a criação de habilitação em Japonês. (JOKO, 2008, p. 138-139)

No ano de 1997 havia outra política de contenção de gastos pelo MEC, que não estava autorizando a abertura de novos cursos no período diurno, porém os cursos noturnos eram exceção, desde que fosse curso de licenciatura, pois atendia a demanda social da comunidade brasiliense, prevendo a possibilidade de contratação de professores. Com a oficialização da criação de

Licenciatura em Letras Japonês, a área solicitou a contratação de mais professores, tornando o professor Ronan parte do quadro oficial de docentes e, em julho, houve a contratação da professora Célia Mitie Tamura Tanno, como professora substituta.

Os professores do quadro, na época a Alice, o Ronan e a Megumi, foram nomeados pelo Instituto de Letras para elaboração do Projeto de Licenciatura em Língua e Literatura Japonesa. A partir de outubro houve a divulgação da abertura oficial do novo curso e, em janeiro de 1997, realizou-se o primeiro vestibular para Letras Japonês, com o ingresso de 19 alunos no primeiro semestre. Desde então o curso de Letras-Japonês vem funcionando como curso de Licenciatura com duração mínima de sete semestres e máxima de quinze semestres.

3.2 CONTRIBUIÇÃO DO ENSINO DE LÍNGUAS JAPONÊS DA UNB

Desde os primórdios em 1981, a área de Japonês da UnB não se limita à oferta de cursos de línguas, participando ativamente de atividades de divulgação da cultura japonesa em colaboração com o Departamento Cultural da Embaixada do Japão, a Associação de Intercâmbio Cultural Brasil-Japão e outras entidades. Um dos eventos que marcou a trajetória para participantes do curso na época de 1984, foi a formação do grupo de coral denominado *Tanoshii Tori* (Pássaro Feliz), que atuou durante dez anos, mesmo com a troca de alguns de seus integrantes semestralmente. Além de apresentações locais, o grupo viajou para São Paulo, Goiás e Minas Gerais, contribuindo para divulgar a música japonesa. Um dos regentes do coral, Mário Lima Brasil, realizou mestrado no Japão em música e desde 1995 é professor do Departamento de Música da Universidade de Brasília.

Uma das contribuições do Curso de Japonês que merece destaque refere-se à formação dos alunos. Muito dos alunos que frequentam as aulas de Japonês demonstram interesse em prosseguir os estudos no Japão. Como o governo japonês, por intermédio de seu Ministério da Educação, oferece bolsas de estudo a nível de pós-graduação, anualmente estudantes vão estudar nas universidades japonesas que possuem parceria com a UnB. Ao longo dos anos, nota-se consideravelmente o número de ex-bolsistas que, retornando ao Brasil com titulação de mestre ou doutor, procuraram emprego na UnB como docente.

Atualmente, na UnB há professores com titulação obtida no Japão em diversas faculdades, institutos e departamentos. Pode-se citar como exemplo, nas áreas de Física, Biologia, Agronomia,

Artes Plásticas, Música, Economia e Tecnologia, sendo a maior parte, egressos da UnB que foram alunos das disciplinas ofertadas pela área de japonês durante a graduação. Devido a esse importante papel, as disciplinas optativas continuam sendo oferecidas até hoje, concomitantemente com a habilitação em Japonês (JOKO, 2008).

Ainda como contribuição da Área podem ser citados eventos que têm como alvo a comunidade em geral, tais como: Festival de Cultura Japonesa, Mostra Cultural, Feira de Livros, Seminários, Palestras e Festival de Cinema Japonês. Em 1995, realizou o simpósio em comemoração ao Centenário de Tratado de Amizade, Comércio e Navegação Brasil-Japão tendo como convidada a cineasta Tizuka Yamasaki que fez palestra sobre seu filme *Gaijin – Os Caminhos da Liberdade* (1980).

Com o auxílio da Fundação Japão, a Área de Japonês da UnB realizou em 2000 o XI Encontro Nacional de Língua, Literatura e Cultura Japonesa e o I Congresso Internacional de Estudos Japoneses. Pode sediar novamente esses encontros em 2005 e 2007, com patrocínios da Fundação Japão, Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAP-DF), Federação das Associações Nipo-Brasileiras do Centro-Oeste (FEANBRA) e Embaixada do Japão. Em 2008 com o auxílio da Agência de Cooperação Internacional do Japão (JICA), ocorreu o workshop *Yosakoi Sôran* (dança japonesa em grupo), introduzindo essa modalidade pela primeira vez na Capital com abertura para participação de todas as associações nipo-brasileiras do DF, bem como para as escolas de língua japonesa, visando a integração entre a Universidade e a comunidade (JOKO, 2008).

3.3 CONTRIBUIÇÃO CIENTÍFICA DA ÁREA DE LÍNGUAS JAPONÊS-UNB

A meta do curso visa a formação de docentes na língua japonesa, porém nota-se que, paralelamente, a Área vem-se dedicando constantemente à pesquisa. A preocupação com a qualidade profissional faz com que os professores procurem melhorar sua formação acadêmica e, como consequência, aprimorem o ensino. Um curso acadêmico tem como seus pilares Ensino, Pesquisa e Extensão. No que se refere a Ensino e Pesquisa, as contribuições de seu corpo docente devem ser evidenciadas. Nesse sentido, foi realizado um levantamento e classificados de modo simples, em temas abrangentes, de alguns dos livros e artigos publicados por alguns integrantes do corpo docente do curso de Licenciatura em Língua e Literatura Japonesa da UnB nesses anos de existência, todos que estão com nomes em negrito já fizeram ou fazem parte do quadro de

professores. Ressalvamos que omitimos as produções significativas de três professores que fizeram parte do quadro efetivo. São eles: Megumi Kuyama, falecida em 2002, Haruka Nakayama falecida em 2006 e Sachio Negawa que pediu a exoneração do cargo. As duas tabelas foram divididas de acordo com a área de pesquisa das publicações, sendo a primeira focada no que se refere ao Ensino (livros) e a segunda se relaciona a Pesquisa (artigos, dentre outros).

ENSINO				
TEMA	DOCENTE-AUTOR	TÍTULO DA OBRA	ANO	Nº NO APENDICE
Cultura	Ronan Alves Pereira	Possessão por espírito e inovação cultural: A Experiência Religiosa das Japonesas Miki Nakayama e Nao Deguchi	1992	1
		<i>Japanese Religions in and Beyond Japanese Diaspora</i> (Religiões japonesas dentro e fora da diáspora japonesa)	2007	2
Gramática	Yuki Mukai	Wa e ga: as partículas gramaticais da língua japonesa	2014	3
	Yuki Mukai e Tae Suzuki	Gramática da língua japonesa para falantes do português (1ª e 2ª edição)	2016	4 e 5
		Gramática da língua japonesa para falantes do português (3ª edição)	2017	6
	Yuki Mukai e Kyoko Sekino	Tópicos gramaticais de língua japonesa: uso e contexto	2013	7
Língua	Kyoko Sekino e Alice Tamie Joko	A Língua Japonesa no Brasil	2012	8

	Yuki Mukai, Alice Tamie Joko e Fausto Pinheiro Pereira	A Língua Japonesa no Brasil: reflexões e experiências de ensino e aprendizagem	2012	9
	Yuko Takano com I.P. Santos, A. C. Cristianini, R. C. S. Soares, S. S. S. Guimaraes, C. R. Gonçalves, M. C. Cavalcante, V. L. D. S. Augusto, M. T. N. Carvalho,	Sociolinguística em questão: reflexões e análises	2012	10
	Kyoko Sekino com Fabio Alves, Karina Sarto Szpak, José Luiz Gonçalves, Arlene Koglin, Marceli Aquino, Bartolomé Mesa-Lao, N. Fonseca, R. A. Castro	<i>Eye Tracking and Applied Linguistics (Translation and Multilingual Natural Language Processing 5)</i> (Rastreamento Ocular e Linguística Aplicada - Tradução e Processamento Multilinguístico de Linguagem Natural 5)	2016	11
Literatura	Donatella Natili	<i>Gaijin no Gyakushu</i>	1993	12
		Descabelados	2007	13
Sociedade	Michele Eduarda Brasil de Sá	A imigração japonesa no Amazonas à luz da teoria das relações internacionais	2010	14
	Ronan Alves Pereira com Carol Gluck, Alexandre Fontoura dos Santos, Tae Suzuki , Takeo Funabiki, Chris Burgess, Ermani Oda, Sharalyn Orbaugh	O Japão no Caleidoscópio: Estudos da Sociedade e História Japonesa	2014	15
Tradução	Kyoko Sekino com Fábio Alves, Arlene Koglin, Bartolomé Mesa-Lao, Mercedes García Martínez,	<i>New Frontiers in Translation Studies</i> (Novas fronteiras nos estudos de tradução)	2016	16

	Mercedes García, Norma B. de Lima Fonseca, Arthur de Melo Sá, José Luiz Gonçalves, Karina Sarto Szpak, Marcell Aquino			
--	---	--	--	--

PESQUISA				
TEMA	DOCENTE-AUTOR	TÍTULO DA OBRA	ANO	Nº NO APENDICE
Cultura e Sociedade	Donatella Natili	Novos Horizontes Culturais: Tendências Juvenis no Japão Contemporâneo	2000	17
		Enchi Fumiko: Como uma Onnagata	2007	18
	Alice Tamie Joko	A comunidade nikkey em Brasília	2002	19
	Yuki Mukai	A identidade de uma japonesa "recém-chegada" ao Brasil: um estudo de caso	2008	20
	Ronan Alves Pereira	Ishizuchi Jinja: sobrevivência xinto-budista no contexto brasileiro	2011	21
		<i>Searching for Home Abroad: Japanese Brazilians and Transnationalism</i> (Buscando um Lar no Exterior: os Japoneses Brasileiros e o Transnacionalismo)	2009	22
		A construção da memória e da identidade na Sôka Gakkai: breve análise de escritos de Daisaku Ikeda	2008	23

	<i>Transplantation of Sôka Gakkai to Brazil: building the Closest Organization to the Heart of Ikeda-sensei</i>	2008	24
	(Transplantação de Sôka Gakkai para o Brasil: construindo a organização mais próxima ao coração de Ikeda-sensei)		
	<i>Zen in Brazil</i>	2008	25
	(Zen no Brasil)		
	<i>A Japanese New Religion in the Age of Globalization: The Role of Leadership within the Neo-Buddhist Soka Gakkai International</i>	2008	26
	(Uma nova religião japonesa na era da globalização: o papel da liderança dentro do neo-budista Soka Gakkai International)		
	O Budismo japonês: sua história, modernização e transnacionalização	2006	27
	Religiões Japonesas no Brasil: seu estudo e situação atual	2002	28
	Antropologia Japonesa: uma análise histórica centrada em Kunio Yanagita	1999	29
	<i>Japanese Studies in the West: Brazil Today - Part I</i>	1999	30

		(Estudos Japoneses no Ocidente: Brasil Hoje – Parte I)			
		<i>Japanese Studies in the West: Brazil Today - Part II</i> (Estudos Japoneses no Ocidente: Brasil Hoje – Parte II)	1999	31	
		Possessão por espírito e inovação cultural: o caso de duas líderes religiosas do Japão	1995	32	
		Internacionalização e minorias no Japão: considerações sobre o caso Kajiyama	1992	33	
		<i>Una transnacionalización religiosa ignorada: el estudio y la situación actual de las religiones japonesas en Brasil</i> (Uma transnacionalização religiosa ignorada: o estudo e a situação atual das religiões japonesas no Brasil)	2007	34	
	Michele Eduarda Brasil de Sá		Identidade e Cultura no Romance Nihonjin, de Oscar Nakasato	2017	35
			Jesuítas no Japão? Conflitos Religiosos e a Política de Sakoku	2014	36
			A Imigração Japonesa em “Canção da Amazônia”, de Fusako Tsunoda	2010	37

		Primeiras relações comerciais entre Portugal e Japão (1543-1639): convergência de interesses, choque de culturas	2006	38
		Kaze Ni Narita – O Encontro do Samba Brasileiro com a Cultura Japonesa	2005	39
		Um Enorme Desencontro	2008	40
Educação	Fausto Pinheiro Pereira	Projeto 'Reflexões sobre a elaboração de atividades de língua japonesa na plataforma MOODLE': primeiros passos	2014	41
	Fausto Pinheiro Pereira com E. T. Nascimento	Japonês nas escolas públicas do Distrito Federal	2012	42
	Fausto Pinheiro Pereira com J. Nakahara	マリーザ・モンチ世界独占インタビュー (Marisa Monte – Entrevista de Monopólio Mundial)	2006	43
	Alice Tamie Joko	<i>Burajiru ni okeru Nihongo kyouiku no shomondai</i>	2018	44
		Repensando o Ensino de Fonologia num Curso de Formação de Professores de Língua Japonesa	2012	45
		A Área de Japonês da Universidade de Brasília	2008	46
		Letramento e suas implicações para o ensino de língua	2014	47

	japonesa como língua estrangeira		
	Formação de Pesquisadores e professores na área de Língua e Linguística Japonesa	2006	48
	A Presença da consoante velar nasal em Materiais didáticos de áudio destinados ao ensino de Japonês para Estrangeiros	2001	49
	A Técnica de Grupo Operativo e sua aplicação em Sala de Aula	1998	50
	Grau de Pertinência do Japonês Falado por Estudantes Brasileiros	1995	51
	A perspectiva do ensino de língua japonesa no Brasil no século 21	1995	52
	As dificuldades da aprendizagem da pronúncia japonesa por um aluno brasileiro	1991	53
Alicie Tamie Joko com Yoshio Mase e Yasue Nakato	Handling of the Prevocalic Velar Nasal Sounds in Domestic and Overseas Japanese Education (Tratamento dos sons nasais prévocálicos velares no ensino doméstico e no exterior da educação japonesa)	2002	54

	Kyoko Sekino e Alice Tamie Joko	A Formação de Professores e Reforma Curricular em Letras-Japonês na UnB	2012	55
	Michele Eduarda Brasil de Sá	O Soft Power e o Ensino de Língua Japonesa: A Fundação Japão no Brasil	2018	56
		Studying How to Study Kanji: A Practical Approach	2015	57
	Michele Eduarda Brasil de Sá com K. Nishido	O Ensino da Língua Japonesa no Amazonas	2012	58
	Yuko Takano	Formação de professores da língua japonesa: desafios e perspectivas	2015	59
	Yuko Takano com Marcus Vinícius de Lira Ferreira, A. Tanonaka e G. Moroni	Uma proposta de aprendizagem: o papel da autonomia no ensino de língua japonesa	2008	60
	Yuko Takano com V. L. D. S. Augusto, R. C. S. Soares e M. C. Cavalcante	Contato de línguas em foco: uma proposta metodológica para estudo do falar	2016	61
		As contribuições dos estudos da dialetologia e geolinguística para o ensino e a pesquisa de línguas	2016	62
	Yuki Mukai	Uma nova perspectiva de pesquisas na área de língua japonesa no Brasil: do ponto de vista da Linguística Aplicada	2007	63
		Visão histórica dos estudos sobre as funções das	2005	64

		informações dadas/novas		
		Crenças e necessidades de aprendizes de japonês como LE (Língua Estrangeira) a respeito da habilidade da escrita e materiais didáticos	2011	65
		As Pesquisas em Crenças no Ensino-Aprendizagem de Japonês como LE no Brasil	2016	66
		Crenças e necessidades em relação à escrita em japonês: nos casos dos estudantes universitários brasileiros e portugueses	2014	67
	Yuki Mukai com F. R. Feijó	Crenças de alunos brasileiros (de japonês como LE) em relação à habilidade de fala em língua japonesa	2014	68
	Yuki Mukai com M. J. Fukushi	Crenças sobre a habilidade de fala dos aprendizes da língua japonesa como LE (língua estrangeira) em um curso universitário: uma análise da metodologia de ensino	2012	69
	Yuki Mukai Com Y. Nakai, M. Funahashi e E. Soeda	<i>Why Does a Non-native Speaker's Refusal of an Invitation from a Native Speaker on LINE Lead to Re-invitation?: Exploring the Problems of Non-native Speakers</i>	2018	70

		(Por que a recusa de um participante não-nativo no LINE leva para um novo convite de um falante nativo?: Explorando os problemas dos falantes não nativos)		
	Yuki Mukai com T. Q. Yonaha	Um estudo de caso sobre o Português como Língua de Herança (PLH) nas cidades de Suzuka e Sakai, Japão	2017	71
	Yuki Mukai com Mayumi Edna Yoshikawa	Análise e crítica de dois materiais didáticos em língua japonesa	2009	72
Gramática	Fausto Pinheiro Pereira	Estudo das características da expressão escrita por brasileiros de nível superior em Língua Japonesa	2009	73
		Rômaji	2016	74
		Advérbios	2016	75
	Alice Tamie Joko	A interface sintaxe/semântica e pragmática no estudo das expressões de condicionalidade do japonês	2006	76
		Da Gramática da Língua Japonesa para uma Gramática voltada para o Ensino da Língua Japonesa-Teoria de "tara,nara,ba,to" e seu ensino	2004	77
		O Tratamento da Consoante Velar Nasal	2003	78

		no Ensino de Japonês do Brasil		
	Yuki Mukai	Uma breve consideração sobre o morfema “wa” da língua japonesa, do ponto de vista de suas perspectivas múltiplas no ensino da gramática como L2/LE	2003	79
		Análise do morfema “wa” da língua japonesa do ponto de vista pragmático-discursivo	2003	80
		O morfema de topicalização wa: um breve histórico	2002	81
		Os morfemas finais ne e yo da língua japonesa, à luz das funções do kyûjôh (informações dadas) e shinjôh (informações novas): um estudo da subjetividade e emoção	2001	82
Língua e Literatura	Fausto Pinheiro Pereira	Pequeno estudo comparado das onomatopeias das línguas portuguesa e japonesa	2001	83
		Provérbios e outras expressões envolvendo animais: uma análise contrastiva entre japonês e português	2011 e 2012	84 e 85
		<i>The Good and Bad Animals in Japanese and Brazilian Proverbs</i> (Os bons e maus animais dos provérbios japoneses e brasileiros)	2013	86

	Alice Tamie Joko	<i>Aru Nikkei buranjirujin nisei no bairingarizumu</i> (Estudo de caso do discurso bilíngue de uma segunda geração nipo-brasileira)	2003	87
		Ensino da Língua Japonesa no Brasil	2007	88
		<i>Case Study: Aru nikkei burajirujin nisei no bairingarizumu?</i> (Um estudo de caso do bilinguismo visto em uma segunda geração de brasileiros japoneses)	2000	89
		Estudo contrastivo dos sistemas fonológicos do português e do japonês	1990	90
		Aspectos da entoação da fala espontânea de língua japonesa dos brasileiros	2009	91
	Alice Tamie Joko, Yuki Mukai e Tae Suzuki	Linguagem em uso	2016	92
	Michele Eduarda Brasil de Sá com L. M. T. Nishikido	O Mangá Encontra o Clássico: Genji Monogatari Revisitado	2016	93
	Michele Eduarda Brasil de Sá	Reflexões acerca do ensino da literatura japonesa no contexto universitário	2016	94
		O Haikai do Japão ao Amazonas	2015	95
	Yuko Takano	O repertório linguístico dos nikkeis do Distrito Federal: estudo de caso do uso da língua japonesa da	2008	96

		comunidade nipo-brasiliense		
		O item lexical "corno" e suas variações no Atlas Linguístico da Paraíba: uma proposta semântico-lexical	2012	97
		O retrato linguístico da comunidade nikkei do Distrito Federal	2010	98
		A Interface das Línguas em Contato: língua japonesa versus língua portuguesa	2004	99
		O Mito do Bilingüismo Nipo-Brasileiro: Reflexo da Tensão Diglósica no Uso da Variedade Nipo-Brasileira	2003	100
		As faces da Interlíngua: Japonês ou Português?	2003	101
		Atlas linguístico e a herança linguística da comunidade nipo-brasileira do Distrito Federal: múltiplos olhares	2015	102
		A contribuição do atlas linguístico do falar dos nipo-brasileiros do Distrito Federal para ensino de língua portuguesa a imigrantes japoneses e nipo-brasileiros	2013	103
		O estudo do falar dos nipo-brasileiros do Distrito Federal: uma proposta de análise sociogeolinguístico	2013	104

		Contato de línguas sob perspectiva sociogeolinguística: estudo do falar dos nipo-brasileiros do Distrito Federal	2013	105
		O ensino de línguas sob a perspectiva sociogeolinguística em questão: a interface do atlas linguístico do falar dos nipo-brasileiros do Distrito Federal	2013	106
		A variedade nipo-brasileira do Distrito Federal - Brasil: a variação histórica e linguística em questão	2013	107
		O intercâmbio lexical: uma proposta de estudo do aspecto semântico-lexical dos falantes nipo-brasileiros do Distrito Federal	2011	108
		O ensino de língua estrangeira sob a perspectiva da ecologia linguística: algumas reflexões	2006	109
		Variante de Tóquio (padrão) versus Variante Colônia (nikkei): uma tentativa de análise à luz do conflito diglósico	2001	110
Tradução	Fausto Pinheiro Pereira com D. S. Machado	Estudo da Tradução de Gitaigo nos Quadrinhos Japoneses Através da Teoria do Escopo	2017	111
	Ronan Alves Pereira	Tradução no contexto das religiões japonesas no Brasil	2013	112

	Kyoko Sekino	Reverendo a função da tradução na sala de aula	2011	113
		<i>An investigation of the relevance-theoretical approach to cognitive effort in translation and the post-editing process</i> (Uma investigação da abordagem teórica da relevância do esforço cognitivo na tradução e no processo de pós-edição)	2015	114
		A Tradução na Sala de Aula: Intraduzibilidade e Equivalência	2010	115
	Kyoko Sekino com Vanessa Velásquez	A Relevância das Informações Extralingüísticas na Aquisição de LE por Meio da Tradução	2006	116
	Michele Eduarda Brasil de Sá	Dificuldades na Tradução Literária Japonês-Português	2015	117

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões pessoais surgidas nesta investigação foram por parte ocultas, mantendo-se nos relatos que permitiram reconstruir, sob uma ótica, a história do Curso de Licenciatura de Língua e Literatura Japonesa da UnB, da criação em 1981 até a institucionalização definitiva, ocorrida em 1997. Refletindo sobre o conteúdo coletado significou não apenas desvendá-los enquanto expressão de relações e práticas sociais que foram comuns naquele espaço, como reconhecê-los enquanto experiência individualizada no seu modo de perceber e contar os acontecimentos. Os depoimentos foram importantes para o conhecimento de vivências e identidades à margem da história oficial.

As fontes demonstram que o Curso foi criado com intuito da inclusão social, não focando apenas na comunidade japonesa, divulgando além do idioma a história vivida por uma sociedade que adotou o Brasil como seu país de origem. As marcas culturais impressas pelo ensino da língua japonesa foram adaptadas devido aos que mais se relacionaram com ela, que, a cada ano, nota-se a presença dos não descendentes em sala de aula. Pode-se levantar a hipótese que, de algum modo, a “marginalização” dos japoneses e de seus descendentes no período da Segunda Guerra Mundial tenha aumentado o abismo cultural entre os dois países, o que pode ser a causa dos descendentes deixarem de seguir os passos de seus antepassados que permaneciam em comunidades quase que exclusivas e mantendo seus ensinamentos entre si. Entretanto, o fato de a comunidade externa admirar e adotar a cultura japonesa faz com que o ensino evolua, tendo novos desafios e perspectivas.

O fato de o Curso ter sido criado com doação orçamentária em partes, realizada por auxílio externo à Universidade, demonstra certo descaso da administração e do Governo com o aprimoramento da área de Língua Japonesa em uma época que houve o maior índice de estudantes interessados no idioma japonês pelo mundo. Isso por ter negligenciado a oportunidade de alguns estudantes terem aprimorado seus conhecimentos no idioma e, possivelmente, de terem buscado um maior conhecimento no Japão.

Pode-se afirmar que a consolidação do curso de Licenciatura em Língua e Literatura Japonesa da Universidade de Brasília deve-se à determinação dos primeiros docentes envolvidos que, em prol dos estudantes, em meio a todos os desafios conseguiram contornar todas as dificuldades em virtude do fortalecimento do ensino da Língua Japonesa em Brasília.

Por ter sido um estudo de levantamento de dados, com abordagem dos fatos históricos sobre a forma como o desenvolvimento do ensino da literatura, cultura e língua oral e escrita japonesa ocorreu na UnB, também com a evidência de algumas contribuições do curso para a academia, o objetivo geral desta pesquisa pode ser alcançado, porém não atingiu o que era a princípio visado, a demonstração mais evidente do impacto da criação do curso de Licenciatura em Japonês em Brasília, relatar o que o curso gerou como herança para os egressos que decidiram não atuar como professores, mas que evoluíram socialmente com o impacto da formação.

Espera-se que esta pesquisa possa servir de subsídio para futuras pesquisas que tratam de métodos para entender o desenvolvimento e criação de cursos em japonês; também para aqueles que desejarem compreender melhor o impacto que o curso trouxe para os alunos de um curso em instituições de ensino superior no geral.

4.1 LIMITAÇÃO DA PESQUISA

Nesta pesquisa foram analisados documentos e relatos orais. Não houve dificuldades na coleta dos fatos históricos, por serem abordados em diversos estudos acadêmicos da evolução dos japoneses no Brasil, publicado por pesquisadores da área em todo o país.

O relato da professora Alice Tamie Joko com seus artigos publicados sobre o curso de Licenciatura em Japonês na UnB serviu de base principal para este trabalho. Encontrar a professora que participou da elaboração do curso ainda em atuação na carreira da UnB facilitou a construção do objetivo geral.

A maior limitação foi a disposição de tempo de alguns ex-alunos que estavam sendo visados para entrevista com o intuito de serem modelos para a discussão sobre o impacto do curso em sua formação acadêmica, já que era almejado um encontro para uma entrevista oral e escrita, como requisito ex-alunos que decidiram não concluir o curso e outros que concluíram e seguiram na área de pesquisa ou utilizaram de seu conhecimento para prosseguirem em um ramo distinto da licenciatura, porém ligado ao japonês.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALESP, Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. *História da imigração japonesa no Brasil*. 2008. Disponível em <<https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=288309>>. Acesso em 3 de novembro de 2018.

CELLARD, A. *A análise documental*. In: POUPART, J. et al. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis, Vozes, 2008.

DOI, E.T. *O ensino de japonês como língua de imigração*. In: *Estudos Lingüísticos XXXV*, 2006, pp. 66-75.

FUNDAÇÃO JAPÃO. Japan Foundation. Diretório de língua japonesa. 2015. Disponível em <<https://fjso.org.br/lingua-japonesa/>>. Acesso em 7 de novembro de 2018.

HANDA, T. *O imigrante japonês – A história de sua vida no Brasil*. São Paulo: T. A Queiroz, 1987.

JOKO, T. A. *Ensino da língua japonesa no Brasil*. *Humanidades*, Brasília, n. 54, p.25-31, nov. 2007.

JOKO, T. A. *A Área de Japonês da Universidade de Brasília*. In: CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL E CINQUENTENÁRIO DA PRESENÇA NIPO-BRASILEIRA EM BRASÍLIA, 2008, Brasília. Anais. Brasília: FEANBRA, 2008. p. 137-139.

LIMA, S. C. de S. *Os filhos do império celeste: a imigração chinesa e sua incorporação à nacionalidade brasileira*. Disponível em <<https://bndigital.bn.gov.br/dossies/rede-da-memoria-virtual-brasileira/alteridades/imigracao-chinesa/>>. Acesso em 3 de novembro de 2018.

MEIHY, J. C. S. B. *Manual de história oral*. São Paulo (SP): Loyola; 1996

MEIHY, J. C. S. B. *História oral: a interlocução necessária com Daphne Patai*. Oralidades, ano 5, n. 10, jul./dez. 2011.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe Guindadni. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais* Ano I - Número I, Julho de 2009.

SHIBATA, H. *As escolas japonesas paulistanas (1915 – 1945): A afirmação de uma identidade étnica*. Dissertação de mestrado, FEUSP, 1997.

UNB. Universidade de Brasília. *História*. Disponível em <<https://www.unb.br/a-unb/historia>>. Acesso em 5 de novembro de 2018.

APENDICE

- 1) PEREIRA, Ronan Alves. *Possessão por espírito e inovação cultural: A Experiência Religiosa das Japonesas Miki Nakayama e Nao Deguchi*. 1. ed. São Paulo: Aliança Cultural Brasil-Japão/Massao Ohno Editores, 1992. v. 1. 198p.
- 2) PEREIRA, Ronan Alves; MATSUOKA, Hideaki (Org.). *Japanese Religions in and Beyond Japanese Diaspora*. Berkeley: University of California/Institute of East Asian Studies, 2007. 251p.
- 3) MUKAI, Yûki. *Wa e ga: as partículas gramaticais da língua japonesa*. 1. ed. Campinas: Pontes Editores, 2014. v. 4. 143p.
- 4) MUKAI, Yûki; SUZUKI, T. (Org.). *Gramática da língua japonesa para falantes do português (1a edição)*. 1. ed. Campinas-São Paulo: Pontes Editores, 2016. v. 6. 247p.
- 5) MUKAI, Yûki; Tae Suzuki (Org.). *Gramática da língua japonesa para falantes do português (2a edição)*. 2. ed. Campinas-SP: Pontes editores, 2016. 247p.
- 6) MUKAI, Yûki; SUZUKI, T. (Org.). *Gramática da língua japonesa para falantes do português (3a edição)*. 3. ed. Campinas: Pontes Editores, 2017. 311p.
- 7) MUKAI, Yûki; SEKINO, K. (Org.). *TÓPICOS GRAMATICAIS DE LÍNGUA JAPONESA: uso e contexto*. 1. ed. Campinas: Pontes Editores, 2013. v. 2. 221p.
- 8) SEKINO, K.; Alice Tamie Joko (Org.). *A Língua Japonesa no Brasil*. 1. ed. Campinas/SP: Pontes Editores, 2012. v. 1. 212p.
- 9) MUKAI, Yuki (Org.) ; JOKO, A. T. (Org.) ; PEREIRA, F. P. (Org.) . *A Língua Japonesa no Brasil: reflexões e experiências de ensino e aprendizagem*. 1a.. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012. v. 1. 212p.

- 10) TAKANO, Y.; SANTOS, I. P. ; CRISTIANINI, A. C. ; SOARES, R. C. S. ; GUIMARAES, S. S. S. ; GONCALVES, C. R. ; CAVALCANTE, M. C. ; AUGUSTO, V. L. D. S. ; CARVALHO, M. T. N. . Sociolinguística em questão: reflexões e análises. 1. ed. São Paulo: Paulistana, 2012. v. 1. 188p.
- 11) Alves, Fabio; Szpak, Karina Sarto; Gonçalves, José Luiz; SEKINO, K.; Koglin, Arlene; Aquino, Marceli; Mesa-Lao, Bartolomé; FONSECA, N.; CASTRO, R. A. Eye Tracking and Applied Linguistics (Translation and Multilingual Natural Language Processing 5). 1. ed. Berlin: Language Science Press, 2016. v. 5. 188p.
- 12) NATILI, Donatella. GAIJIN NO GYAKUSHU. Gaijin no Gyakushu, TOKIO, v. 1, n.1, p. 1-222, 1993.
- 13) NATILI, Donatella. DESCABELADOS. Brasília: Editora UNB, 2007. 128p
- 14) SÁ, Michele Eduarda Brasil de. A Imigração Japonesa no Amazonas à Luz da Teoria das Relações Internacionais. 1. ed. MANAUS: EDUA, 2010. v. ÚNICO.
- 15) GLUCK, Carol (Org.); Santos, Alexandre Fontoura dos (Org.); SUZUKI, Tae (Org.); FUNABIKI, Takeo (Org.); BURGESS, Chris (Org.); PEREIRA, Ronan Alves (Org.); ODA, Ernani (Org.); ORBAUGH, Sharalyn (Org.). O Japão no Caleidoscópio: Estudos da Sociedade e História Japonesa. 1a.. ed. Campinas: Pontes Editores, 2014. v. 1. 216p.
- 16) Alves, Fabio; Koglin, Arlene; Mesa-Lao, Bartolomé; Martínez, Mercedes García; de Lima Fonseca, Norma B.; de Melo Sá, Arthur; Gonçalves, José Luiz; Szpak, Karina Sarto; Sekino, Kyoko; Aquino, Marceli. New Frontiers in Translation Studies. 1. ed. Berlin: Springer International Publishing, 2016. 77-94p.
- 17) NATILI, Donatella. NOVOS HORIZONTES CULTURAIS: TENDÊNCIAS JUVENIS NO JAPÃO CONTEMPORÂNEO. Anais do IX Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua E Cultura Japonesa, UNB, BRASILIA, v. 1, n.1, p. 234-273, 2000.

- 18) NATILI, Donatella. ENCHI FUMIKO: como um onnagata. *Humanidades (Brasília)*, v. 54, p. 139-153, 2007.
- 19) JOKO, A. T.. A comunidade nikkey em Brasília. *Cadernos do CEAM (UnB)*, v. 9, p. 157-162, 2002.
- 20) MUKAI, Yûki. A identidade de uma japonesa "recém-chegada" ao Brasil: um estudo de caso. *Uniletras (UEPG. Impresso)*, v. 30, p. 53-73, 2008.
- 21) PEREIRA, Ronan Alves. Ishizuchi Jinja: sobrevivência xinto-budista no contexto brasileiro. *Rever (PUCSP)*, v. 11, p. 55-62, 2011.
- 22) PEREIRA, Ronan Alves. Resenha de: LESSER, Jeffrey (Ed.), *Searching for Home Abroad: Japanese Brazilians and Transnationalism*. *Japan Studies Review*, v. XIII, p. 194-199, 2009.
- 23) PEREIRA, Ronan Alves. A construção da memória e da identidade na Sôka Gakkai: breve análise de escritos de Daisaku Ikeda. *Revista nures*, v. 10, p. 1-16, 2008.
- 24) PEREIRA, Ronan Alves. Transplantation of Sôka Gakkai to Brazil: building the Closest Organization to the Heart of Ikeda-sensei. *Japanese Journal of Religious Studies*, v. 35, p. 95-113, 2008.
- 25) PEREIRA, Ronan Alves. Resenha de: ROCHA, Cristina. *Zen in Brazil. The Quest for Cosmopolitan Modernity* (Honolulu, University of Hawai i Press, 2006).. *Philosophy East and West*, v. 58, p. 152-155, 2008.
- 26) PEREIRA, Ronan Alves. A Japanese New Religion in the Age of Globalization: The Role of Leadership within the Neo-Buddhist Soka Gakkai International. *International Institute for Asian Studies Newsletter*, v. 47, p. 8-9, 2008.
- 27) PEREIRA, Ronan Alves. O Budismo japonês: sua história, modernização e transnacionalização. *Ponto de Encontro de Ex Fellows, São Paulo: Fundação Japão*, v. 1, p. 1-28, 2006.

- 28) PEREIRA, Ronan Alves. Religiões Japonesas no Brasil: seu estudo e situação atual. Estudos Sobre Religião Newsletter de La Asociación de Cientistas Sociales de La Religión En El Mercosur, Buenos Aires, v. 14, p. 3-13, 2002.
- 29) PEREIRA, Ronan Alves. Antropologia Japonesa: uma análise histórica centrada em Kunio Yanagita. Anuário Antropológico, Rio de Janeiro, v. 97, p. 73-104, 1999.
- 30) PEREIRA, Ronan Alves. Japanese Studies in the West: Brazil Today - Part I. Tsûshin, Harvard University, v. 5, n.1, p. 3-4, 1999.
- 31) PEREIRA, Ronan Alves. Japanese Studies in the West: Brazil Today - Part II. Tsûshin, Harvard University, v. 5, n.2, p. 2-4, 1999.
- 32) PEREIRA, Ronan Alves. Possessão por espírito e inovação cultural: o caso de duas líderes religiosas do Japão. Revista de Antropologia (USP. Impresso), Universidade de São Paulo, v. 38, n.1, p. 169-189, 1995.
- 33) PEREIRA, Ronan Alves. Internacionalização e minorias no Japão: considerações sobre o caso Kajiyama. Estudos Afro-Asiáticos, Rio de Janeiro, v. 22, p. 117-126, 1992.
- 34) PEREIRA, Ronan Alves. Una transnacionalización religiosa ignorada: el estudio y la situación actual de las religiones japonesas en Brasil. In: Carozzi, María Julia; Cernadas, César Ceriani. (Org.). Ciencias Sociales y Religión en América Latina: Perspectivas en debate. Buenos Aires: Biblos/ ACSRM, 2007, v. , p. 199-222.
- 35) SÁ, Michele Eduarda Brasil de. IDENTIDADE E CULTURA NO ROMANCE NIHONJIN, DE OSCAR NAKASATO. ITINERARIOS (UNESP. ARARAQUARA), v. 44, p. 139-148, 2017.
- 36) SÁ, Michele Eduarda Brasil de. JESUÍTAS NO JAPÃO? CONFLITOS RELIGIOSOS E A POLÍTICA DO SAKOKU. Revista Litteris, v. II, p. 252-265, 2014.
- 37) SÁ, Michele Eduarda Brasil de. A IMIGRAÇÃO JAPONESA EM "CANÇÃO DA AMAZÔNIA", DE FUSAKO TSUNODA. ContraCorrente: Revista de Estudos Literários, v. 1, p. 173-178, 2010.

- 38) SÁ, Michele Eduarda Brasil de. Primeiras relações comerciais entre Portugal e Japão (1543-1639): convergência de interesses, choque de culturas. *Textura (Canoas)*, v. 13, p. 49-56, 2006.
- 39) SÁ, Michele Eduarda Brasil de. *KAZE NI NARITAI* - O ENCONTRO DO SAMBA BRASILEIRO COM A CULTURA JAPONESA. *Espéculo (Madrid)*, v. único, n.31, p. xxx, 2005.
- 40) SÁ, Michele Eduarda Brasil de. UM ENORME DESENCONTRO. HISTÓRIA VIVA: JAPÃO - 500 ANOS DE HISTÓRIA, 100 ANOS DE IMIGRAÇÃO, BRASIL, p. 10 - 21, 01 abr. 2008.
- 41) PEREIRA, F. P. . Projeto 'Reflexões sobre a elaboração de atividades de língua japonesa na plataforma MOODLE': primeiros passos. In: XXIII Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua, Literatura e Cultura Japonesa / X Congresso Internacional de Estudos Japoneses no Brasil, 2014, Rio de Janeiro. Anais do XXIII Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua, Literatura e Cultura Japonesa / X Congresso Internacional de Estudos Japoneses no Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ, 2014. p. 201-208.
- 42) PEREIRA, F. P. ; NASCIMENTO, E. T. . Japonês nas escolas públicas do Distrito Federal. In: XXII Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua, Literatura e Cultura Japonesa / IX Congresso Internacional de Estudos Japoneses no Brasil, 2012, Florianópolis. Anais do XXII Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua, Literatura e Cultura Japonesa / IX Congresso Internacional de Estudos Japoneses no Brasil. Florianópolis: UFPR, 2012. p. 142-151.
- 43) NAKAHARA, J. ; PEREIRA, F. P. . マリーザ・モンチ世界独占インタビュー. *Latina - Musica Contemporanea Del Mundo (ラティーナ・世界の音楽情報誌)* , Tóquio, Japão, p. 4 - 8, 01 jun. 2006.
- 44) JOKO, A. T.. Burajiru ni okeru Nihongo kyouiku no shomondai. *The journal of Kokugakuin University*, v. 119-4, p. 19-33, 2018.
- 45) JOKO, A. T.. REPENSANDO O ENSINO DE FONOLOGIA NUM CURSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUA JAPONESA. In: Mukai, Y; Joko, A.T;

- Pinheiro, F.. (Org.). A língua japonesa no Brasil: reflexões e experiências de ensino e aprendizagem. 1ªed.: , 2012, v. 1, p. 173-204.
- 46) JOKO, A. T.. A Área de Japonês da Universidade de Brasília. In: HAYASHI, Shieru (coordenador geral). (Org.). Centenário da Imigração Japonesa no Brasil/ Cinquentenário da presença Nikkey em Brasília. Brasília: Onix Brasil, 2008, v. , p. 137-143.
- 47) JOKO, A. T.. Letramento e suas implicações para o ensino de língua japonesa como língua estrangeira.. In: XVII Congreso Internacional Asociación de Linguística y Filología de América Latina (Alfal 2014), 2014, João Pessoa. Atas do XVII Congreso Internacional Asociación de Linguística y Filología de América Latina, 2014. p. 3225-3241.
- 48) JOKO, A. T.. Formação de Pesquisadores e professores na área de Língua e Linguística Japonesa. In: IV Congresso Internacional de Estudos Japoneses no Brasil/ XVII Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua, Literatura e Cultura Japonesa, 2006, São Paulo. Anais do XVII Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua, Literatura e Cultura Japonesa/ IV Congresso Internacional de Estudos Japoneses no Brasil. São Paulo, 2006. p. 47-51.
- 49) JOKO, A. T.. A Presença da consoante velar nasal em Materiais didáticos de áudio destinados ao ensino de Japonês para Estrangeiros. In: XII Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua, Literatura e Cultura Japonesa, 2001, Rio Grande do Sul. Anais do XII Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua, Literatura e Cultura Japonesa, 2001.
- 50) JOKO, A. T. . A Técnica de Grupo Operativo e sua aplicação em Sala de Aula. In: Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua, Literatura e Cultura Japonesa I Encontro Latino Americano, 1998, Assis. Anais do Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua, Literatura e Cultura Japonesa I Encontro Latino Americano, 1998. p. 122-127.
- 51) JOKO, A. T. Grau de Pertinência do Japonês Falado por Estudantes Brasileiros. In: VI Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua, Literatura e Cultura Japonesa, 1995, São Paulo. Anais do VI Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua, Literatura e Cultura Japonesa, 1995. p. 41-47.

- 52) JOKO, A. T.. A perspectiva do ensino de língua japonesa no Brasil no século 21. In: Simpósio da Língua Japonesa, Centro de Estudos da Língua Japonesa, SP, 1995, São Paulo. Anais do Simpósio da Língua Japonesa, Centro de Estudos da Língua Japonesa, SP, 1995, 1995.
- 53) JOKO, A. T.. As dificuldades da aprendizagem da pronúncia japonesa por um aluno brasileiro. In: II Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua, Literatura e Cultura Japonesa, 1991, São Paulo. Anais do II Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua, Literatura e Cultura Japonesa. São Paulo: Diral Gráfica e Editora Ltda., 1991. p. 35-45.
- 54) JOKO, A. T.; MASE, Yoshio ; NAKATO, Yasue . Handling of the Prevocalic Velar Nasal Sounds in Domestic and Overseas Japanese Education. Journal of the Faculty of Letters Okayama University, v. 37, p. 127-139, 2002.
- 55) SEKINO, K. ; JOKO, A. T. . A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E REFORMA CURRICULAR EM LETRAS-JAPONÊS NA UNB. In: Mukai, Y; Joko, A.T; Pinheiro, F.. (Org.). A língua japonesa no Brasil: reflexões e experiências de ensino e aprendizagem. 1ªed.Campinas: Pontes, 2012, v. 01, p. 33-54.
- 56) SÁ, Michele Eduarda Brasil de. O SOFT POWER E O ENSINO DE LÍNGUA JAPONESA: A FUNDAÇÃO JAPÃO NO BRASIL. INTERFACIS, v. 4, p. 51-68, 2018.
- 57) SÁ, Michele Eduarda Brasil de. STUDYING HOW TO STUDY KANJI: A PRACTICAL APPROACH. In: ASIAN CONFERENCE ON LANGUAGE LEARNING, 2015, KOBE, JAPÃO. The Asian Conference on Language Learning 2015, Kobe, Japan Official Conference Proceedings, 2015. v. 1. p. 529-536.
- 58) SÁ, Michele Eduarda Brasil de; NISHIKIDO, K. . O ENSINO DA LÍNGUA JAPONESA NO AMAZONAS. Estudos Japoneses (USP), v. 32, p. 131-141, 2012.
- 59) TAKANO, Y.. Formação de professores da língua japonesa: desafios e perspectivas. In: II Seminário Nacional de Licenciaturas em Línguas e Literaturas Estrangeiras - II SENALILLE, 2015, Brasília. II SENALILLE, 2015.

- 60) TAKANO, Y.; TANONAKA, A. ; LIRA, M. ; MORONI, G. . Uma proposta de aprendizagem: o papel da autonomia no ensino de língua japonesa. In: XVIII ENPULLCCJ-V Congresso Internacional de Estudos Japoneses no Brasil, 2008, UNESP-São Paulo. XVIIIENPULLCCJ-V Congresso Internacional de Estudos Japoneses no Brasil. UNESP: Universidade Estadual de São Paulo, 2008.
- 61) TAKANO, Y.; AUGUSTO, V. L. D. S. ; SOARES, R. C. S. ; CAVALCANTE, M. C. . Contato de línguas em foco: uma proposta metodológica para estudo do falar. In: IV CIDS, 2016, Paris. IV CIDS, 2016.
- 62) TAKANO, Y.; AUGUSTO, V. L. D. S. ; SOARES, R. C. S. ; CAVALCANTE, M. C. . As contribuições dos estudos da dialetologia e geolinguística para o ensino e a pesquisa de línguas. In: IV CIDS, 2016, Paris. IV CIDS, 2016.
- 63) MUKAI, Yûki. Uma nova perspectiva de pesquisas na área de língua japonesa no Brasil: do ponto de vista da Linguística Aplicada. Estudos Japoneses (USP), v. 27, p. 163-178, 2007.
- 64) MUKAI, Yûki. Visão histórica dos estudos sobre as funções das informações dadas/novas. Estudos Japoneses (USP), São Paulo, v. 25, p. 97-136, 2005.
- 65) MUKAI, Yûki. Crenças e necessidades de aprendizes de japonês como LE (Língua Estrangeira) a respeito da habilidade da escrita e materiais didáticos. Estudos Japoneses (USP), v. 31, p. 193-219, 2011.
- 66) MUKAI, Yûki. AS PESQUISAS EM CRENÇAS NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE JAPONÊS COMO LE NO BRASIL. Estudos Japoneses (USP), v. 36, p. 169-183, 2016.
- 67) MUKAI, Y.. Crenças e necessidades em relação à escrita em japonês: nos casos dos estudantes universitários brasileiros e portugueses. Revista Linguagem & Ensino (Online), v. 17, p. 391-440, 2014.
- 68) FEIJÓ, F. R. ; MUKAI, Yûki . Crenças de alunos brasileiros (de japonês como LE) em relação à habilidade de fala em língua japonesa. Estudos Japoneses (USP), v. 34, p. 46-70, 2014.

- 69) FUKUSHI, J. M. ; MUKAI, Yûki . Crenças sobre a habilidade de fala dos aprendizes da língua japonesa como LE (língua estrangeira) em um curso universitário: uma análise da metodologia de ensino. *Estudos Japoneses (USP)*, v. 32, p. 77-100, 2012.
- 70) NAKAI, Y. ; FUNAHASHI, M. ; SOEDA, E. ; MUKAI, Yûki . Why Does a Non-native Speaker's Refusal of an Invitation from a Native Speaker on LINE Lead to Re-invitation?: Exploring the Problems of Non-native Speakers. doi/10.15084/00001418, v. 14, p. 169-192, 2018.
- 71) YONAHA, T. Q. ; MUKAI, Yûki . Um estudo de caso sobre o Português como Língua de Herança (PLH) nas cidades de Suzuka e Sakai, Japão. *Revista Horizontes de Linguística Aplicada*, v. 16, p. 75-100, 2017.
- 72) MUKAI, Yûki; YOSHIKAWA, Mayumi Edna Iko . Análise e crítica de dois materiais didáticos em língua japonesa.. *Estudos Japoneses (USP)*, v. 29, p. 157-178, 2009.
- 73) PEREIRA, F. P. . Estudo das características da expressão escrita por brasileiros de nível superior em Língua Japonesa. In: XX Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua, Literatura e Cultura Japonesa / VII Congresso Internacional de Estudos Japoneses no Brasil, 2009, São Paulo. *Anais do XX Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua, Literatura e Cultura Japonesa / VII Congresso Internacional de Estudos Japoneses no Brasil*. São Paulo: USP, 2009. p. 407-416.
- 74) PEREIRA, F. P. . 1.2.5. Rômaji. In: MUKAI, Yuki; SUZUKI, Tae. (Org.). *Gramática da Língua Japonesa para Falantes do Português*. 1ed.Campinas: Pontes, 2016, v. 1, p. 31-37.
- 75) PEREIRA, F. P. . 3.2.1 Advérbios. In: MUKAI, Yuki; SUZUKI, Tae. (Org.). *Gramática da Língua Japonesa para Falantes do Português*. 1ed.Campinas: Pontes, 2016, v. 1, p. 61-67.
- 76) JOKO, A. T.. A interface sintaxe/semântica e pragmática no estudo das expressões de condicionalidade do japonês. In: IV Congresso Internacional de Estudos Japoneses no Brasil/ XVII Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua, Literatura e Cultura Japonesa, 2006, São Paulo. *Anais do XVII Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua, Literatura e Cultura Japonesa/ IV Congresso Internacional de Estudos Japoneses no Brasil*. São Paulo, 2006. p. 145-163.

- 77) JOKO, A. T.. Da Gramática da Língua Japonesa para uma Gramática voltada para o Ensino da Língua Japonesa-Teoria de "tara,nara,ba,to" e seu ensino. In: XV Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua, Literatura e Cultura Japonesa, 2004, Rio de Janeiro. Anais do XV Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua, Literatura e Cultura Japonesa, 2004. p. 125-142.
- 78) JOKO, A. T.. O Tratamento da Consoante Velar Nasal no Ensino de Japonês do Brasil. In: Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua, Literatura e Cultura Japonesa, 2003, Porto Alegre. Anais do XIV ENPULLCJ, 2003. p. 199-210.
- 79) MUKAI, Yûki. Uma breve consideração sobre o morfema ‘wa’ da língua japonesa, do ponto de vista de suas perspectivas múltiplas no ensino da gramática como L2/LE.. Horizontes de Linguística Aplicada, Brasília, v. N.2, p. 67-75, 2003.
- 80) MUKAI, Yûki. Análise do morfema “wa” da língua japonesa do ponto de vista pragmático-discursivo. Estudos Japoneses (USP), São Paulo, v. 23, p. 91-120, 2003.
- 81) MUKAI, Yûki. O morfema de topicalização wa: um breve histórico. Estudos Japoneses (USP), São Paulo, v. 22, p. 113-145, 2002.
- 82) MUKAI, Yûki. Os morfemas finais ne e yo da língua japonesa, à luz das funções do kyûjôhō (informações dadas) e shinjôhō (informações novas): um estudo da subjetividade e emoção. Estudos Japoneses (USP), São Paulo, v. 21, p. 125-145, 2001.
- 83) PEREIRA, F. P. . Pequeno estudo comparado das onomatopéias das línguas portuguesa e japonesa. In: XII Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua, Literatura e Cultura Japonesa / II Congresso Internacional de Estudos Japoneses no Brasil, 2001, Porto Alegre. Anais do XII Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua, Literatura e Cultura Japonesa / II Congresso Internacional de Estudos Japoneses no Brasil. Porto Alegre: UFRGS, 2001. p. 211-226.
- 84) PEREIRA, F. P. . Provérbios e outras expressões envolvendo animais: uma análise contrastiva entre japonês e português. In: ALVAREZ, Maria Luiza Ortiz. (Org.). Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia. 1ed.Campinas: Pontes, 2012, v. 2, p. 295-310.

- 85) PEREIRA, F. P. . Provérbios e outras expressões envolvendo animais: uma análise contrastiva entre japonês e português. In: II congresso internacional de fraseologia e paremiologia / I congresso brasileiro de fraseologia, 2012, Brasília. Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em Fraseologia e Paremiologia. Campinas: Pontes, 2011. v. 2. p. 295-310.
- 86) PEREIRA, F. P. . The Good and Bad Animals in Japanese and Brazilian Proverbs. In: SZERSZUNOWICZ, Joanna. (Org.). Intercontinental Dialogue on Phraseology ?Research on Phraseology Across Continents. 1ed.Bialystok: University of Bialystok Publishing House, 2013, v. 2, p. 278-290.
- 87) JOKO, A. T.. Aru Nikkei buranjirujin nisei no bairingarizumu (Case Study of Bilingual Speech of a Second Generation Japanese-Brazilian). In: The National Language Research Institute. (Org.). Bilingualism of Japanese Brazilians. 1a.ed.Tóquio: Bonjinsha, 2003, v. , p. 45-63.
- 88) JOKO, A. T.. Ensino da Língua Japonesa no Brasil. Humanidades, Brasília, p. 25 - 31, 01 nov. 2007.
- 89) JOKO, A. T.. Case Study: Aru nikkei burajirujin nisei no bairingarizumu? (A Case Study of Bilingualism Seen in a Second Generation Japanese Brazilian). In: The Seventh International Symposium, The National Language Research Institute, 2000, Tóquio. In Anais de The Seventh International Symposium, The National Language Research Institute, Tóquio,2000, 2000.
- 90) JOKO, A. T.. Estudo contrastivo dos sistemas fonológicos do português e do japonês. In: I Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua e Literatura Japonesa, 1990, São Paulo. Anais do I Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua e Literatura Japonesa,USP, 1990.
- 91) JOKO, A.T.. Aspectos da entoação da fala espontânea de língua japonesa dos brasileiros. In: VII Congresso Internacional de Estudos Japoneses no Brasil/ XX Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua, Literatura e Cultura Japonesa, 2009, São Paulo. Resumos do VII Congresso Internacional de Estudos Japoneses no Brasil/ XX Encontro

- Nacional de Professores Universitários de Língua, Literatura e Cultura Japonesa. São Paulo, 2009. p. 35.
- 92) JOKO, A. T.; MUKAI, Yuki ; SUZUKI, Tae . Linguagem em uso. In: Mukai, Yuki; Suzuki, Tae. (Org.). Gramática da Língua Japonesa para Falantes do Português. 1a.ed.Campinas: Pontes, 2016, v. , p. 181-
- 93) NISHIKIDO, L. M. T. ; SÁ, Michele Eduarda Brasil de . O MANGÁ ENCONTRA O CLÁSSICO: GENJI MONOGATARI REVISITADO. HON NO MUSHI, v. 1, p. 29-42, 2016.
- 94) SÁ, Michele Eduarda Brasil de. Reflexões acerca do ensino da literatura japonesa no contexto universitário. Revista Cerrados (Brasília. Online), v. 25, p. 94-109, 2016.
- 95) SÁ, Michele Eduarda Brasil de; IENDO, V. F. C. . O HAIKAI DO JAPÃO AO AMAZONAS: ?SATORI?, DE LUIZ BACELLAR. DECIFRAR, v. 3, p. 5-21, 2015.
- 96) TAKANO, Y.. O repertório linguístico dos nikkeis do Distrito Federal: estudo de caso do uso da língua japonesa da comunidade nipo-brasiliense. In: FEAMBRA. (Org.). Centenário da imigração japonesa no Brasil - Cinquentenário da presença nikkei em Brasília. 1ed.Brasília: Onix Brasil, 2008, v. 1, p. 289-294.
- 97) TAKANO, Y.. O item lexical "corno" e suas variações no Atlas Linguístico da Paraíba: uma proposta semântico-lexical. In: Irenilde Pereira dos Santos; Adriana Cristina Cristianini. (Org.). Sociolinguística em questão: reflexões e análises. 1ed.São Paulo: Paulistana, 2012, v. 1, p. 107-128.
- 98) TAKANO, Y.. O retrato linguístico da comunidade nikkei do Distrito Federal. In: VIII Congresso Internacional de Estudos Japoneses no Brasil - XXI Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua, Literatura e Cultura Japonesa, 2010, Brasília. VIII Congresso Internacional de Estudos Japoneses no Brasil - XXI Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua, Literatura e Cultura Japonesa. Brasília: Universidade de Brasília, Prédio da Finatec, 2010. v. 1. p. 178-185.
- 99) TAKANO, Y.. A Interface das Línguas em Contato: língua japonesa versus língua portuguesa. In: XV Encontro Nacional de Professores de Lín.Liter.e Cult.Japonesa, 2004,

UFRJ-RJ. XIV Encontro Nacional de Professores de Lín.Liter.e Cult.Japonesa. Rio de Janeiro: Universidade de Rio de Janeiro, 2004. v. 1. p. 176-187.

- 100) TAKANO, Y.. O Mito do Bilingüismo Nipo-Brasileiro: Reflexo da Tensão Diglössica no Uso da Variedade Nipo-Brasileira. In: XiV Encontro Nacional de Professores de Lín.Liter.e Cult.Japonesa, 2003, UFRJ-Rio de Janeiro. XiV Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua, Literatura e Cultura Japonesa. Rio de Janeiro: Anais do Encontro, 2003. v. 1. p. 0-0.
- 101) TAKANO, Y.. As faces da Interlíngua: Japonês ou Português?. In: II Encontro Nacional do GELCO, 2003, Goiás. II Encontro Nacional do GELCO. Goiás-Goiania: Universidade de Goiás, 2003. v. 1.
- 102) TAKANO, Y.. Atlas linguístico e a herança linguística da comunidade nipo-brasileira do Distrito Federal: múltiplos olhares. In: III Congresso Internacional de Linguística Histórica, 2015, Santiago de Compostela. Gallecia IICILH, 2015.
- 103) TAKANO, Y.. A contribuição do atlas linguístico do falar dos nipo-brasileiros do Distrito Federal para ensino de língua portuguesa a imigrantes japoneses e nipo-brasileiros. In: 19 INPLA (Intercâmbio de pesquisa em Linguística Aplicada, 2013, São Paulo. 19 INPLA (Intercâmbio de Pesquisa em Linguística Aplicada, 2013.
- 104) TAKANO, Y.. O estudo do falar dos nipo-brasileiros do Distrito Federal: uma proposta de análise sociogeolinguístico. In: Colóquio Internacional - Contatos de Línguas: mobilidades, fronteiras e urbanização, 2013, Brasília. Colóquio Internacional, 2013.
- 105) TAKANO, Y.. Contato de línguas sob perspectiva sociogeolinguística: estudo do falar dos nipo-brasileiros do Distrito Federal. In: Seminário Geolinguística e Estudos Lexicais: realizações, tendências e perspectivas, 2013, São Paulo. Seminário Geolinguística e Estudos Lexicais: realizações, tendências e perspectivas, 2013.
- 106) TAKANO, Y.. O ensino de línguas sob a perspectiva sociogeolinguístico em questão: a interface do atlas linguístico do falar dos nipo-brasileiros do Distrito Federal. In: XVI Simpósio Nacional de Letras e Linguística - IV Simpósio Internacional de Letras e Linguística, 2013, Uberlândia. XVI Simpósio Nacional de Letras e Linguística - IV Simpósio Internacional de Letras e Linguística, 2013.

- 107) TAKANO, Y.. A variedade nipo-brasileira do Distrito Federal - Brasil: a variação histórica e linguística em questão. In: 13th International Conference on the History of the Languages Sciences, 2013, Portugal. 13th International Conference on the History of the Language Sciences, 2013.
- 108) TAKANO, Y.. O intercâmbio lexical: uma proposta de estudo do aspecto semântico-lexical dos falantes nipo-brasileiros do Distrito Federa'. In: Congresso Internacional de Estudos do Léxico, 2011, Salvador - Bahia. I Congresso Internacional de Estudos do Léxico, 2011.
- 109) TAKANO, Y.. O ensino de língua estrangeira sob a perspectiva da ecologia lingüística:algumas reflexões. In: XVII ENPULLCJ-IVCongresso Internacional de Estudos Japoneses no Brasil, 2006, USP- São Paulo. XVII ENPULLCJ-IVCongresso Internacional de Estudos Japoneses no Brasil. São paulo: ~Universidade Estadual de São Paulo, 2006.
- 110) TAKANO, Y.. Variante de Tóquio (padrão) versus Variante Colônia (nikkei): uma tentativa de análise à luz do conflito diglósico. In: XII Encontro Nacional de Língua, literatura e Cultura Japonesa, 2001, Rio Grande do Sul. XII Encontro Nacional de Língua, literatura e Cultura Japonesa. Rio Grande do Sul: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001. v. 1.
- 111) PEREIRA, F. P. ; MACHADO, D. S. . ESTUDO DA TRADUÇÃO DE GITAIGO NOS QUADRINHOS JAPONESES ATRAVÉS DA TEORIA DO ESCOPO. Hon no Mushi , v. 2, p. 61-75, 2017.
- 112) PEREIRA, Ronan Alves. Tradução no contexto das religiões japonesas no Brasil. Estudos Japoneses (USP), v. 33, p. 101-120, 2013.
- 113) SEKINO, K.. Revendo a função da tradução na sala de aula. Estudos Japoneses (USP), v. 1, p. 63-80, 2011.
- 114) Sekino, Kyoko. An investigation of the relevance-theoretical approach to cognitive effort in translation and the post-editing process. Translation & Interpreting, v. 7, p. 142-154, 2015.

- 115) SEKINO, K.. A tradução na sala de aula: Intraduzibilidade e equivalência. In: VIII Congresso Internacional de Estudos Japoneses no Brasil e XXI Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua, Literatura e Cultura Japonesa, 2010, Brasília. VIII Congresso Internacional de Estudos Japoneses no Brasil e XXI Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua, Literatura e Cultura Japonesa. Anais. Brasília: Universidade de Brasília, 2010. v. 1. p. 237-246.
- 116) SEKINO, K.; Vanessa Velásquez. A relevância das informações extralingüísticas na aquisição de LE por meio da tradução. In: IV Congresso Internacional de Estudos Japoneses no Brasil, 2006, São Paulo. Anais do XVII encontro nacional de professores universitários de língua, literatura e cultura japonesa. São Paulo: Provo, 2006. v. 1. p. 8-430.
- 117) SÁ, Michele Eduarda Brasil de. DIFICULDADES NA TRADUÇÃO LITERÁRIA JAPONÊS-PORTUGUÊS. Revista Belas Infiéis, v. 4, p. 81-88, 2015